

Este livro: " No Fogo de Conselho" foi editado em 1954, pela Edições Cruzeiro.
Possui 168 folhas de papel branco, impresso em preto.
Tem capa colorida de cartolina (120gr).

Este livro foi cedido pelo Chefe Alexandre Banchi.

Obra digitalizada por:
Paulo Cabello do site:
www.lisbrasil.com

MONS. BERNARDINO ADRIÃO DE CARVALHO

NO FOGO DO CONSELHO



EDIÇÕES O CRUZEIRO

NO FOGO DO CONSELHO

O MONS. Bernardino Adrião de Carvalho reúne no presente volume algumas das palestras pronunciadas em diversos acampamentos de escoteiros, por ocasião da cerimônia cuja designação serviu de título ao livro. Ao organizar esta obra que hoje entregamos ao público, entretanto, Monsenhor Bernardino Adrião de Carvalho desenvolveu aquelas palestras, dando-lhes, assim, um interesse realmente maior. Pela sua importância para a classe escoteira, e para quantos tenham as atenções voltadas para a edificante obra de civismo e trabalho realizada pelo escotismo, estas palestras estavam mesmo a reclamar a sua reunião em volume, de modo a lograrem a merecida permanência que só o livro pode dar. O alto sentido do escotismo está admiravelmente resumido nestas palavras de Pio XII: "O Escotismo vigia e põe em atividade no jovem tudo o que é naturalmente bom, nobre e são: simplicidade na vida, amor à natureza e

A CASA DO LIVRO
SÃO JOSÉ, 61 E 80
RIO DE JANEIRO





NO FOGO DO CONSELHO



Nihil obstat

27 de Outubro de 1945

D. PEDRO BANDEIRA DE MELO,
O.S.B.

Censor



Imprimatur

Recife, 31-10-45

Miguel, Arc. de Ol. e Recife

Registrado Livr. 19, fls. 37v.

Imprimatur

Caruaru, 26-6-58

PAULO — BISPO DE CARUARU

MONS. BERNARDINO ADRIÃO DE CARVALHO

NO FOGO DO CONSELHO

1954

EDIÇÕES O CRUZEIRO
Rua do Livramento, 203 — RIO DE JANEIRO

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA EMPRESA GRÁFICA O CRUZEIRO S. A.,
NA RUA DO LIVRAMENTO, 191, RIO DE JANEIRO,
PARA SUA SEÇÃO DE LIVROS, NOVEMBRO DE 1954.

Capa de
ARCINDO MADEIRA



DIREITOS ADQUIRIDOS PELA SEÇÃO DE LIVROS DA
EMPRESA GRÁFICA O CRUZEIRO S. A., QUE SE
RESERVA A PROPRIEDADE LITERÁRIA DESTA EDIÇÃO.

"Deveis ser os primeiros entre os primeiros:
os primeiros na profissão da fé cristã, os pri-
meiros na santidade, os primeiros na pureza e
os primeiros em tôdas as manifestações da vida
cristã."

(PIO XI aos Escoteiros italianos no dia de
S. Jorge — 1922.)

“Muitos há que se contentam com uma vida cheia de comodidade, vida tranqüila e sem trabalhos. Para ser escoteiro é necessário excelente disposição e constante fôrça e valor, calma e reflexão. E para ser escoteiro católico é necessário ainda um sentimento profundo de Deus e de sua lei divina, de sua presença que harmoniza as maravilhas da natureza, fazendo-nos nela surpreender os traços mais delicados, os segredos e lições mais preciosos. É necessário ainda elevar-se até Deus, meus queridos filhos. Não se pode conceber um escoteiro católico sem este pensamento que o ilumine e acompanhe. Para um escoteiro católico, que sabe existir acima do mundo visível um outro invisível de beleza superior, não deve ser difícil subir até Deus e caminhar por tôda parte com os olhos fixos neste pensamento que ilumina tôda a vida.”

(PIO XI aos Escoteiros no Ano Santo de 1925.)

“O Escotismo vigia e põe em atividade no jovem tudo o que é naturalmente bom, nobre e são: simplicidade na vida, amor à natureza e à pátria, sentimento de honra, confiança em si mesmo, obediência, abnegação no serviço dos outros, com espírito de generosidade e cavalheirismo. O Escotismo impõe ordem e retidão à Vida humana. Amor à natureza, sim, mas libertando-a da fantasia e do sentimento malsão. O Escotismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar preponderante que lhe é devido na vida do homem, ao descobrir em cada objeto, em qualquer ordem, em qualquer virtude, em tôda formosura criada, seu verdadeiro valor, seu real esplendor à luz do sol divino. Buscar, gostar, encontrar, glorificar a Deus em suas obras, ver tôda a criação na luz que ilumina, eis o que constitui tôda a vida de um escoteiro.”

(Mensagem de PIO XII aos Escoteiros — Cfr. “Escultismo”, órgão dos Escoteiros do México. Maio-junho 1947, pág. 12.)

“Não se trata de um honesto passatempo para a mocidade. Não se trata mesmo de uma escola de civismo e trabalho. O Escoteirismo é um verdadeiro seminário de ideal, de virtudes cívicas, de tudo, enfim, que é necessário ao homem para ser alguém no mundo. Que Deus abençoe os Escoteiros do Brasil.”

(D. SEBASTIÃO LEME, Cardeal-Arcebispo do Rio — 25-4-1925.)

“O Escotismo é o meio mais eficaz para dar à infância sólida formação moral, intelectual e física, principalmente se se tiver em vista o postulado de Baden Powell, segundo o qual a Religião é a base do Escotismo.”

(DR. ARNÓBIO TENÓRIO, quando Secretário da Educação em Pernambuco.)

APRESENTANDO ESTE LIVRINHO

Pediram-me insistentemente a publicação das ligeiras palestras pronunciadas em diversos acampamentos escoteiros, por ocasião do "Fogo do Conselho". Versaram elas sôbre as virtudes e os defeitos do escoteiro e dariam para quatro pequenas brochuras como esta.

Começo a atender ao pedido, publicando o primeiro volume. Escritas para meninos e lidas despreocupadamente, ao ar livre, longe da cidade (), na simplicidade nativa dos campos, outra finalidade não desejam essas palestras, senão a de despertar, nos meus pequenos escoteiros, a vontade de um caráter bem formado, como convém a escoteiros.*

Previno, porém, que vão aqui mais extensas e desenvolvidas do que quando foram pronunciadas e, talvez, necessitem de comentários explicativos por parte dos Chefes de Tropa, para melhor compreensão dos escoteiros mais novos e dos "lobinhos". Pelo menos, poderão resumi-las, deixando à margem as frequentes digressões que nelas foram inseridas intencionalmente e não ao acaso.

Apesar de haver recebido o imprimatur da autoridade eclesiástica em 1945, só agora o livrinho vai publicado.

Caruaru, 5 de junho de 1953.

MONS. BERNARDINO ADRIÃO DE CARVALHO

() — Exceto a primeira.*

MATÉRIA TRATADA NESTE VOLUME

Simbolismo do "Fogo do Conselho"

A Bondade

A Amabilidade

A Caridade

A Simplicidade

A Prudência

ÍNDICE

<i>Simbolismo do "Fogo do Conselho"</i>	<i>23</i>
<i>Sêde bons</i>	<i>35</i>
<i>Sêde amáveis</i>	<i>55</i>
<i>Sêde caridosos</i>	<i>73</i>
<i>Sêde simples</i>	<i>111</i>
<i>Sêde prudentes</i>	<i>129</i>
<i>Conclusão</i>	<i>153</i>
<i>Promessa Escoteira</i>	<i>157</i>
<i>Lei do Escoteiro</i>	<i>159</i>
<i>Baden Powell</i>	<i>161</i>
<i>Datas Históricas do Escotismo</i>	<i>165</i>

SIMBOLISMO DO "FOGO DO CONSELHO"

Escoteiros!

Vamos realizar, nesse momento em que tôda a Cristandade comemora o vesperal do Precursor de Cristo, a significativa cerimônia do "Fogo do Conselho".

E é com a máxima satisfação que vou dar por aberto o primeiro e solene "Fogo do Conselho" da querida Tropa Padre Manuel da Nóbrega que, com tanto carinho e solicitude, fiz nascer no ambiente jovial e abençoado do meu Externato Santa Teresinha.

Já o **Guarda do Fogo** acendeu a lenha que ontem, em meio a uma alegria tipicamente escoteira, transportastes para êste local, histórico para a nossa paróquia centenária e que ainda se vai tornar histórico para nós, pelo fato de haver sido escolhido para o cerimonial desta noite.

É aqui, diante do monumento que a paróquia, na comemoração do seu primeiro centenário, erigiu a Jesus Cristo crucificado, diante do Cristo que, de braços abertos em plena praça pública, parece acolher generosa e indistintamente a quantos visitam a nossa cidade, é assim, diante da veneranda e monumental imagem de Jesus Cristo, que

vamos realizar o nosso primeiro "Fogo do Conselho".

Abrindo esta cerimônia escoteira, inteiramente ignorada em nosso meio, devo explicar o seu alto significado.

A explicação será de utilidade para vós e também para a multidão aqui presente, interessada e curiosa em saber o que vem a ser isto.

Que é, pois, o "Fogo do Conselho" ?

Uma interessante cerimônia durante a qual, diante de um fogo simbólico, todos os membros de uma tropa ouvem, com reverência e atenção, conselhos de chefes experimentados, narrativas amenas e alegres de outros escoteiros, instruem-se e se divertem, expondo fatos e histórias aproveitáveis, lembrando anedotas espirituosas e humorismos sadios, interpretando canções patrióticas, recitando e declamando poesias e prosas de fundo educativo, executando jogos e iniciativas de real proveito para a vida prática. . .

É uma hora de expansão, de bom-humor, de alegria, de jovialidade, mas dentro da ordem e da disciplina, moralizadoras do nosso sistema.

Hora de contentamento coletivo, mas não de futilidades. A frivolidade está sobrando no mundo contemporâneo e se encastela de preferência no coração inexperiente da juventude.

O coração juvenil do escoteiro tem necessidade de se expandir, de divertir-se, mas não pode e não deve sair da linha de conduta e das diretrizes do verdadeiro escotismo.

Há de ser oásis seguro da virtude e da boa ordenação da vida em meio a êsse quase deserto, onde arde a fogueira viva dos instintos e paixões mal retidos e transformados em miragens sedutoras, ao sôpro violento dos furacões e sob as falsas visões da juventude mal orientada.

Sacrário intangível, de portas sempre fechadas aos folguedos que dissipam e deseducam, o coração do escoteiro é a pira ou o turíbulo immaculado do qual deve subir, incessantemente, para o regaço da Pátria e para o coração de Deus, o incenso olorante dos seus afetos de criança pura e inocente.

Escrínio escolhido que abriga e entesoura as mais fagueiras esperanças da Pátria e da Religião, deve estar sempre esvaziado de tudo que possa, mesmo aparentemente, afastá-lo do ideal escotista, tão bem polarizado nas duas maiores realidades da vida humana: Deus e Pátria.

Limpo de corpo e de alma, puro nos seus pensamentos, palavras e ações, conforme preceitua o décimo artigo do decálogo escotista, jamais se afastará o bom escoteiro das suas leis, mesmo nesses momentos de recreio.

Eis por que as nossas alegrias simples e inocentes diferem essencialmente das alegrias fúteis e vazias do mundo moderno.

A esta hora, de norte a sul, ondas de entusiasmo e de contentamento envolvem todos os recantos do Brasil, iluminado ao clarão das fogueiras do "Senhor São João".

O "São João" brasileiro, herança tradicional dos nossos avós, é bem uma onda de contentamento popular que atinge tôdas as camadas sociais.

Mas... infelizmente, já se foi a simplicidade de outrora, que presidia a êsses folguedos populares.

Muitos usos e abusos foram introduzidos, nocivos aos grandes e aos pequenos, aos adultos e às crianças.

* * *

A escolha da véspera de São João para a realização do nosso primeiro "Fogo do Conselho", por motivos variados, foi ótima e oportuna.

Excelente também o local, embora aos que desconhecem as nossas intenções pareça inconveniente ou inoportuno realizar-se um "Fogo do Conselho" no centro de uma cidade, no coração de uma praça pública.

Aí está a crepitar, em vivas e buliçosas fagulhas, a nossa fogueira simbólica.

Mas o fogo que aí vêdes, êsse fogo que ilumina e aquece, tingindo de vermelho os vossos semblantes alegres e felizes, é bem diverso do fogo que arde nas outras fogueiras da cidade. Bem o sabe qualquer escoteiro.

Êsse fogo simboliza a pureza, aquela pureza lembrada e preceituada no décimo artigo da Lei: "o Escoteiro é limpo de corpo e de alma".

É o fogo que acendemos não sòmente às vésperas de São João, mas em qualquer tempo, nas noi-

tes felizes e saudosas dos nossos acampamentos, sob o céu estrelado e azul, depois de um dia cheio de tarefas bem cumpridas sob o olhar de Deus, que está em tôda parte, e da nossa Pátria querida, representada em a nossa bandeira, hasteada à entrada do acampamento.

Não é o fogo que devasta e consome, o fogo que deixa, como sinal de sua passagem, o rastro da cinza e da destruição.

É o fogo que aquece para a vida e para a restauração, como o fogo da sarça bíblica, de cujas labaredas misteriosas saiu a voz de Jeová para ordenar a Moisés a libertação do povo israelita.

No fogo tudo se purifica. No fogo o ferro se liberta da ferrugem, para se tornar ígneo e incandescente. No fogo purificou Deus o mundo das impurezas de Sodoma e Gomorra.

No cadinho do fogo, o ouro bruto e nativo, tal qual foi extraído das minas, é purificado das impurezas naturais e se transforma em o metal polido e luzente que cintila na tiara dos pontífices e na coroa dos reis, nos trancelins das vossas mães e na aliança dos vossos pais, nos vasos sagrados que guardam o sacramento da Eucaristia e nas lindas medalhas que pendem do colo das vossas irmãs.

Assim, diante do fogo simbólico que crepita e arde no "Fogo do Conselho", um mundo de emoções nobres, de sentimentos dignos, de desejos invulgares de aperfeiçoamento do caráter, deve emergir das vossas almas.

O desejo ardente de vos tornardes cada vez mais puros e dignos da vossa condição de escoteiros, de serdes, como certa vez disse o Papa Pio XI a um grupo de escoteiros que o visitava em Roma, os primeiros em tudo e principalmente no exercício das virtudes cristãs.

E, se fôr o caso de terdes em vosso caráter fôlhas ou desvios a reparar, o desejo de uma restauração perfeita e imediata, ao calor vivificante dêsse fogo simbólico, dêsse pentecostes escoteiro, no qual as línguas de fogo não descem do céu, mas sobem da fogueira; não pairam sôbre um cenáculo, mas invadem os espaços; não comunicam o Espírito Santo, mas despertam o desejo de purificar o coração que é, na frase inspirada do Apóstolo, o templo vivo do Espírito Santo.

* * *

Nem sempre o coração é o ouro polido das jóias preciosas. Às vêzes, mesmo em crianças como vós, é ouro que necessita ainda de polimento, apesar da educação recebida no lar.

Sempre precioso, porém, é o coração, esteja ou não polido. É a pedra da qual podem jorrar a qualquer momento as águas cristalinas. É a jazida que deve ser explorada, um potencial de energias vitais. Informa-o a alma, que é sempre jóia preciosíssima, doada ao homem pelo Criador e modelada à sua imagem e semelhança.

Mas assim como o ouro arrancado às minas traz as impurezas do solo onde dormia em estado

bruto e primitivo, assim também o coração humano que, como o homem todo, veio do limo da terra, traz igualmente vestígios da terra, isto é, daquilo que deveria estar abaixo dos nossos pés e não dentro da nossa alma.

Como o ouro bruto que se aperfeiçoou e foi polido na fornalha e no cadinho, assim o coração há de passar pelo fogo, para se purificar das humanas imperfeições.

É indispensável, na verdade, que o fogo do sacrifício, das renúncias corajosas, do desejo de aperfeiçoamento, queime e incinere os resíduos dos defeitos e das más tendências que a culpa original nos legou e em nós persistem mesmo depois de regenerados pelo sacramento do batismo.

Não foi feito o coração para rastejar na terra como reptil desprezível e sem ideal.

Como as chamas dessa fogueira se alteiam procurando o espaço, assim devem os nossos corações procurar o alto, sobrelevar-se às altiplanuras místicas onde residem os grandes ideais de Deus e da Pátria.

O Escotismo é o perene *sursum corda* (corações para o alto) da Pátria e da Fé.

Escola ideal de sólida formação, de vigorosa preparação para os futuros cidadãos das duas pátrias: a terrena e a celestial, o Brasil e o céu.

* * *

A cerimônia do "Fogo do Conselho" é uma imitação de certo costume dos índios que, em redor da

chama iluminadora dos seus **carbetos**, ouviam os velhos chefes de tribo, êsses homens experimentados que defendiam, conservavam e transmitiam as tradições de sua raça, narrando as lutas, muitas vêzes ingratas e prolongadas, que lhes doaram um patrimônio de honra e de glória.

Essa cerimônia indígena do silvícola, em volta do fogo aceso no coração imenso das matas e florestas por êles habitadas, cerimônia da qual o nosso "Fogo do Conselho" é uma imitação, se assemelha a uma verdadeira aula de civismo, ou como diríamos em linguagem moderna, aula de **moral e cívica**, de formação e de incentivo aos novos rebentos da tribo, para a união, fortaleza e glória da raça.

Estamos no início da nossa campanha escotista. Somos ainda uma madrugada que desponta, uma alvorada que se esboça risonha e promissora.

Somos um arrebol que começa, mas um arrebol de primavera. A nossa Tropa, organizou-a, não faz muito, o Externato Santa Teresinha.

Não temos história ainda. Somos um prefácio apenas, mas o prefácio de uma história que não terá fim, porque a nossa Tropa não morrerá jamais.

Nasceu lutando contra a indiferença e o desprezo daqueles que, de direito, deveriam ser os primeiros a ampará-la.

Mas a luta foi curta, embora muito intensa. Os bons alicerces são feitos com pedras graníticas, e as pedras das dificuldades serviram para melhor alicerçar a nossa campanha.

Já o nosso povo tem a certeza de que o Escotismo não é uma brincadeira de crianças, de meninos desocupados, mas uma escola de formação integral.

De ninguém recebemos auxílios materiais, nem de particulares, nem dos poderes públicos. Aliás, êstes no setor municipal quiseram estrangulá-lo no nascedouro. (*) Mas, conquistamos os corações dos pais de família e da criançada altinense.

E essa vitória nos basta para prosseguirmos sempre vitoriosos, seguindo o nosso ideal e fazendo a nossa história, que é a história do Escotismo nesse pedacinho do Brasil.

Não temos ainda vozes de tradições nossas. Não ouvimos ainda ecos animadores de um passado de glórias.

Essas tradições e êsses ecos virão depois, se continuarmos idealistas e perseverantes, com os fios de ouro do presente com que vamos tecendo a estrutura daquilo que mais tarde constituirá as nossas preciosas tradições.

E — quem sabe? — nos futuros **ajuris** das organizações escoteiras do Brasil, far-se-á ouvir o eco ainda vibrante do primeiro "Fogo do Conselho" da Tropa Padre Manuel da Nóbrega, dos escoteirinhos do meu Externato, agora agregada à Associação dos Escoteiros Escolares de Pernambuco.

(*) Em 1940.

Escoteiros!

Caminhemos para o futuro, aproveitando bem o presente, que se tornará passado e irá formando o nosso futuro patrimônio de honrosas tradições!

Diante da colossal imagem do Cristo Crucificado, dêste soberbo monumento, longe do ambiente angusto e abafado dos salões perfumados e viciados que a essa hora regurgitam de alegrias loucas e vazias, em frente à veneranda e secular Matriz em que se batizaram, fizeram a primeira comunhão, foram crismados e se casaram vossos pais e avós, vamos começar o nosso primeiro "Fogo do Conselho".

Está iniciado o "Fogo do Conselho".

A BONDADÉ

SÊDE BONS

Disseram da bondade que, como o amor, é o dom de si mesma, ou seja, o transbordamento dos nossos corações em o dos nossos semelhantes.

Definiram-na alguns como a tendência que desperta no homem o desejo de querer e de fazer bem ao próximo.

Sem querer analisar nem dar definições, vamos considerá-la como virtude a serviço do próximo.

O decálogo do nosso grande Baden Powell parece refletir, de modo geral, o decálogo divino do Sinai, que o inspirou.

Ser bom para com Deus, para com a Pátria e para com o próximo: eis a súpula admirável da "Promessa" e da "Lei" escoteiras.

Essa tríplice bondade constitui o pólo magnético, a bússola que orienta tôdas as atividades individuais e coletivas dos escoteiros cõscios dos seus deveres.

Nessa palestra, porém, consideraremos a bondade, como bons serviços prestados ao próximo.

* * *

Tôda vida, seja de que espécie fôr, tende a se comunicar, a se expandir.

Escreveu o P. Schrijvers: "Comunicar-se, ser para outrem uma fonte de bens, eis o destino de tôda vida. E quanto mais plena, tanto mais transbordante. Quanto mais elevada, mais e mais comunicativa. O amor incriado é a vida sem termo, a vida por excelência, a fonte em que se alimenta tôda existência criada. Eis por que êle é a bondade sem limites, a bondade que se dá e se difunde".

Em nós a bondade é um pouco de nossa vida que se comunica.

Um pouco de nossa vida, disse eu, porque, de certo modo, é um pouco do nosso eu, um pouco da nossa vontade, um pouco de nós mesmos, que, muitas vêzes, temos de sacrificar em benefício do próximo.

Na verdade, para sermos bons não nos basta dar o nosso dinheiro, o nosso tempo, os nossos serviços. Teremos que dar, em muitos casos, a nossa afeição, o nosso coração, sacrificando os nossos interesses e a nossa vontade.

Ora, dar ao próximo dos nossos bens pode custar muito, em certas circunstâncias, mas dar-lhe o nosso próprio eu, isto é, sacrificar o nosso querer, é coisa que nos custa sempre e em qualquer circunstância.

Somos instintivamente comodistas, amigos do menor esforço, egoístas.

Com facilidade e sem muitas razões, nos despojamos de certos objetos ou haveres em favor de outrem. Mas não é senão com algum constrangimento e, na maioria dos casos, somente mediante

razões sobrenaturais, que contrafazemos a nossa vontade.

Não é sem resistência da natureza, sem protestos íntimos do amor próprio, que nos dispomos, por exemplo, a permanecer alegres e joviais em companhia de pessoas que nos são naturalmente antipáticas ou abusaram deslealmente da nossa bondade.

É bem desagradável à natureza suportar uma injustiça sem apresentar desculpas, conservar a calma e até o bom-humor quando, humanamente falando, só se tem motivos para queixas e recriminações.

Somente quem bebeu nas fontes puríssimas do Evangelho sabe usar do gesto cristão de curar as chagas do inimigo deixado semimorto à margem do caminho, como o bom Samaritano da parábola.

Somente a bondade cristã, cristalizada no heroísmo da caridade, poderia levar um Padre Damião às pestilentas regiões de Molokai, para ali sacrificar a mocidade e a vida no meio dos leprosos.

Conta-se, como fato realmente acontecido, que, há muitos anos, as autoridades japonesas cometeram uma barbaridade que assombrou o mundo.

Manifestou-se de tal modo violento um surto de lepra, que o govêrno japonês, aterrorizado, decretou uma medida extremamente desumana.

Todos os leprosos deveriam ser locomovidos para determinado lugar a fim de serem exterminados em massa.

Os pais eram obrigados a entregar os filhos, os maridos e irmãos se viam na dolorosa contingência de entregar as espôsas e irmãs e, se desobedecessem às ordens imperiais, teriam de ser sacrificados impiedosamente.

Durante semanas e semanas, vários operários se ocuparam em cavar uma gigantesca e profunda fossa, para onde foram depois atirados milhares de leprosos, sem nenhuma compaixão.

E, surdas aos clamores e gritos angustiados dos seus concidadãos, aos gemidos desesperados de tantos filhos, pais e mães, as autoridades completaram a sua desumanidade, mandando cobrir com cal virgem aquela multidão de infelizes.

Ao mesmo tempo, não muito longe e no mesmo território japonês, missionários católicos e religiosos, Irmãs de Caridade, espontaneamente separados dos parentes e da pátria, em leprosários construídos e mantidos pela Obra Pontifícia da Propagação da Fé, se dedicavam a cuidar das chagas apodrecidas de centenas de leprosos pagãos.

Que remuneração esperavam? Que interesse as impelia a tais e tamanhos sacrifícios?

Não esperavam outra recompensa que não a de, pelo exercício da bondade transformada em caridade heróica, converterem e ganharem aquelas almas para o Deus de bondade, libertando-as das cadeias do paganismo e da lepra do pecado.

Tinham êles a certeza de que em breve contrairiam a mesma terrível e repugnante enfermidade.

Tornar-se-iam leprosos também e outra recompensa não teriam senão a da bondade divina, que dissera: "o que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim é que o fareis".

Isto pode não ser dar a vida, mas é comunicar um pouco da nossa vida aos que beneficiamos com a nossa bondade.

Pode ser não dar a vida, mas é dar mais vida à vida dos que sofrem, amenizando-lhes as desventuras.

Pode não ser dar a vida temporal, mas é conduzir ao caminho da verdadeira vida aquêles que, desenganados dos homens e da vida terrena, aprenderam da caridade heróica e da bondade desinteressada desses abnegados missionários da Propagação da Fé, que só uma religião verdadeiramente divina pode apresentar apóstolos dessa têmpera.

* * *

É evidente, meus caros escoteiros, que não estais obrigados a heroísmos dêsse gênero.

O heroísmo não é uma virtude comum, mas a bondade é o denominador comum de todos os caracteres bem formados.

Sem sermos heróis, podemos possuir excelente caráter. Sem o exercício da bondade, teremos sempre um caráter falho, deficiente, imperfeitíssimo.

É verdade que a história do Escotismo está plenificada de atos heróicos, como o daquele valoroso escoteiro Donald Smith, de que nos fala Baden Powell, no seu manual do escoteiro — **Boy-scout**.

Fora do Cristianismo, que é a maior escola de heróis de todos os tempos, nenhum clima conhecido mais propício à singular flor do heroísmo do que o Escotismo como foi idealizado pelo seu fundador.

Mas o Escotismo não vai ao excesso de considerar o heroísmo como virtude ordinária e, como tal, exigi-la dos meninos e rapazes que constituem a família escoteira mundial.

Pelo menos no sentido lato em que é geralmente considerado um ato heróico, isto é, no sentido de uma ação extraordinária e excepcional.

E é nesse sentido que até agora venho tomando essa palavra **heroísmo**.

Mas, estritamente falando, heroísmo é toda dedicação, generosidade e abnegação, em prol de um ideal ou de uma causa nobre e alevantada, manifestada com perseverança e em atos.

No processo de canonização dos seus santos, a Igreja católica exige como condição necessária a prova de que êles exerceram as virtudes em grau heróico.

Todo Santo é, portanto, um herói autêntico. No entanto, herói e santo é, por exemplo, tanto um São Sebastião, que deu a vida pela sua Fé, morrendo mártir, como um São João Berkmans, cuja vida nada teve de extraordinário, limitando-se êle a cumprir exatamente os seus deveres ordinários e comuns.

E nesse último sentido, herói é um Donald Smith, que pereceu afogado nas águas de um canal

quando tentava salvar um pobre rapaz, como o é também o verdadeiro escoteiro que, mesmo desconhecido, emprega todo o seu espírito de iniciativa para cumprir com diligência e perfeição, os seus deveres contidos na "Promessa" e na "Lei".

As grandes oportunidades para a execução de feitos extraordinários, poucas vêzes se apresentam e, para alguns, nunca se oferecem.

Conheci um escoteiro que vivia a sonhar com essas oportunidades e se dizia desejoso de praticar heroísmos retumbantes, mas vivia a falhar constantemente no cumprimento dos pequenos deveres de cada dia.

A fidelidade perseverante, nas pequenas coisas, ao cumprimento dos deveres cotidianos, é o melhor aprendizado para a hora dos grandes sacrifícios.

Quem despreza as pequenas coisas, a pouco e pouco, vai caindo nas maiores. O divino Mestre louvou e recompensou o servo que se mostrou fiel nos deveres ordinários.

A continuidade dos pequenos sacrifícios impostos pelo dever de tôdas as horas, exige alma de herói, vontade firme e resoluta.

É mais fácil praticar um ato de heroísmo isolado, embora custoso, em uma ocasião extraordinária, diante da admiração de testemunhas que aplaudem e incentivam.

É muito fácil vencer-se alguém em determinada ocasião, mas é muito difícil vencer-se sempre.

É relativamente fácil supor calmamente e sem mostrar aborrecimento a companhia de uma vi-

sita inoportuna e antipática, durante algumas horas.

Mas ter que viver um mês, um ano, uma vida inteira, em companhia de uma pessoa neurastênica, de mau-humor, de modos indelicados, sem perder a calma e com jovialidade, é coisa tão difícil que exige um heroísmo continuado. Parece que vai nisso um pouco da nossa vida.

* * *

O exercício da bondade exige contínua vigilância sobre o nosso amor-próprio.

Um grande bispo francês, Boussuet, disse que "ao fazer o coração do homem, Deus nêle primeiro colocou a bondade".

Não tardou muito, porém, e, disfarçado em uma serpente, por entre a ramagem da árvore tentadora, o demônio lançou no coração do homem a semente da rebeldia, do orgulho, da desobediência e da ingratidão.

E desde então, nesse coração em que Deus primeiro colocara a bondade, começou a germinar, para nunca mais morrer, a semente do egoísmo que, em derradeira análise, é o maior inimigo da bondade.

O abominável fratricídio de Caim foi o seu primeiro fruto. A inveja do amor-próprio ofendido, o ciúme do egoísmo melindrado fez derramar pela primeira vez o sangue inocente que clamou aos céus.

Estava rompido, no coração do homem, o equilíbrio do bem, da paz, da caridade fraterna, do amor entre o homem e Deus, entre o homem e seus semelhantes.

Estava começada a luta do egoísmo, que do paraíso terrestre se projetaria, sobre todos os séculos, contra a virtude da bondade nos seus multifários aspectos.

A partir de então, o cultivo da bondade exigiria renúncias e sacrifícios, não somente quando esta houvesse de se manifestar sob a forma laboriosa e austera de zelo, generosidade, dedicação, indulgência, condescendência, perdão das injúrias e humilde e abnegado esquecimento do próprio eu, mas ainda sob a sua forma menos difícil de doçura, amabilidade, benevolência e obsequiosidade.

* * *

A missão da bondade é semear sorrisos. Semear sorrisos quando se colhem sorrisos e quando se colhem lágrimas, quando se colhem as rosas perfumadas da gratidão e quando se colhem os inesperados acúleos da ingratidão.

Diz-se em linguagem poética que, quando chove, a natureza está em prantos.

As chuvas são as lágrimas da natureza pranteando a desolação das grandes e demoradas estiações do verão.

Mas é dêsse pranto, dessas lágrimas, dessas chuvas, que vem a fartura, a bonança da vegetação, a opulência dos frutos. E, então, até os túmulos, que

guardam a morte, se cobrem de flores que, afinal, são um pouco da vida.

Nunca se ostenta a natureza tão bela e tão pródiga, tão atraente e tão rica nos seus campos imensos, como no tempo do inverno e da primavera que o segue.

Assim, a bondade. Nunca se apresenta mais radiante de beleza moral e mais abundante em frutos de íntima consolação, do que quando o coração a exercita à custa de renúncias e sacrifícios, chorando, por assim dizer, diante da indiferença, do desdém e da incompreensão.

Que importa ao homem de caráter bem formado o pungir do espinho da falta de reconhecimento e da insensibilidade do beneficiado, se o roseiral da bondade praticada deixa o perfume singular dos seus benefícios?

Quem poderia avaliar com exatidão a magnitude e o valor moral da bondade quando, tornando-se indulgente para com a incompreensão dos ingratos e dos agressivos, faz contrair os lábios num sorriso franco e jovial, em circunstâncias em que os olhos deveriam estar marejados de lágrimas?

* * *

O mundo antigo não conheceu dessas maravilhas, a não ser em casos singularíssimos, acidentalmente.

Não conheceu e não as conheceria, se o Verbo divino não houvesse baixado dos céus à terra e, feito homem como nós, não tivesse dado um man-

damento novo, um mandamento que ele chamou o seu mandamento.

Esse mandamento, que seria o sinal característico dos seus discípulos, ei-lo como Jesus Cristo o formulou: "amai-vos uns aos outros... amai os vossos inimigos... fazei o bem àqueles que vos perseguem... orai pelos que vos odeiam e caluniam... alegrai-vos e exultai quando vos injuriarem e perseguirem..."

Ele o disse e assim o fêz. E assim começou a fazer mesmo antes de o dizer.

Dêsse modo, era a bondade apresentada como base dos tempos novos abertos pelo Evangelho, como elemento essencial ao Cristianismo.

Os próprios adversários de Nosso Senhor se admiravam diante dêsse espetáculo inédito e exclamavam: vêde como se amam os cristãos, parecem formar um coração único e uma só alma!

Mas, a bondade ensinada por Jesus Cristo aparecia sob um aspecto inteiramente novo e caiu no ambiente pagão do mundo antigo, como uma verdadeira revolução nas idéias e nos costumes.

Na verdade, se antes de Cristo se limitava ao pequeno círculo dos amigos e parentes, agora se tornaria não somente sobrenatural no seu motivo, mas universal no seu objeto, incluindo até os próprios inimigos.

Era exatamente isto o que o mundo antigo desconhecia.

O paganismo nunca assistira ao espantoso espetáculo de um Cristo morrendo crucificado, depois

de tantas humilhações e de tantos sofrimentos, exclamando serenamente: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem".

E morrendo assim, não somente perdoando aos seus algozes, mas ainda rogando por eles como se fossem inocentes... quando com uma palavra apenas, como no Hôrto das Oliveiras, poderia abate-los!

Estava reservado ao Cristianismo apresentar ao mundo de outrora, egoísta, vingativo, implacável e cruel para com os inimigos, o estranho espetáculo de um Estêvão, primeira flor cristã do martírio, morrendo de joelhos e perdoando aos assassinos que o apedrejavam e orando por eles: "Senhor, não lhes imputeis êste pecado!"

Estêvão foi o primeiro elo da interminável corrente dos mártires da bondade cristã.

O mundo antigo, que já não podia conter a sua admiração pela multidão desses apóstolos da inalterável bondade da religião nova, multidão imensa que parecia ter apenas um coração e uma alma, devem ter pressentido abalados os seus alicerces, diante dessa nova potência desconhecida, o poder da bondade cristã elevada ao mais alto grau da caridade, da bondade que se deixa apedrejar para converter os seus algozes, para transformar os Saulos perseguidores em Paulos apóstolos.

* * *

Virtude que tem inspirado e realizado os mais nobres e ousados atos de heroísmo da história do

mundo, a bondade estimula e leva o verdadeiro escoteiro, até mesmo o "lobinho" de tenra idade, a uma atitude sempre vitoriosa, diante dos mais penosos sacrifícios.

Nada mais edificante e consolador do que observar êsses pequeninos escoteiros, tão pequeninos ainda, mas cheios de boa vontade, de decisão e de coragem no cumprimento dos seus deveres para com Deus, para com o próximo.

São pequeninos homens, compenetrados, quanto possível, das suas responsabilidades.

Aos cépticos, àqueles que não conhecem o Escotismo por dentro e o julgam pelas exterioridades de uma parada cívica, de um exercício de ordem unida ou de uma brincadeira pueril, parecerá incrível que, em uma idade caracterizada pela inconstância e pelo alheamento ao lado sério da vida, êsses meninos se mostrem tão precocemente donos do espírito de iniciativa, de disciplina e do senso de responsabilidade.

Disso, porém, não se admiram e nem duvidam os que conhecem a fundo o belo ideal, sistema educativo de Baden Powell e especialmente o sistema de patrulha, que me parece é a coluna vertebral do Escotismo.

Êsses rapazes e meninos se tornam assim os soldadinhos conscientes de Nosso Senhor e do Brasil, dispostos antes a perder a vida, se necessário fôr, que a renegar a sua Fé e a sua Pátria.

Tornam-se os pequeninos apóstolos da bondade pregada por Jesus Cristo e mil vezes recomendada pelo genial fundador do Escotismo.

Observador atento de tudo que o cerca, o escoteiro parece adivinhar, na significativa linguagem muda da natureza, o convite perene que ela dirige aos homens, chamando-os à prática da bondade.

O Sol, a Lua, as estrêlas, a sucessão das estações do ano, os minerais, os vegetais, os animais, o universo inteiro, criaturas destinadas à glória do Criador e ao serviço dos homens, lhe anunciam e mostram a bondade de Deus e o convidam a imitá-los.

* * *

Madame Swetchine costumava aconselhar: "Não vos canseis de semear, no vosso caminho, sementes de benevolência e de simpatia. Sem dúvida, muitas se hão de perder, mas se algumas germinarem, tereis embalsamados os vossos caminhos e rejubilados os vossos corações."

Belo pensamento éste! E mais beleza teria ainda se, menos egoísta, o semeador de benevolência e de simpatia visasse embalsamar não os seus caminhos, e rejubilar não o seu coração, mas os caminhos e o coração do seu próximo.

Necessária ao melhor êxito das nossas relações e compromissos para com o próximo, a bondade distribui sempre um pouco da felicidade com aquêles que tratam conosco.

Sejamos bons e, por onde passarmos, espalhemos o suave e confortante perfume da bondade.

Em casa, na rua, no campo do bivaque, no recinto amigo da sede, na escola, na igreja e em tôda

parte, o verdadeiro escoteiro se há de mostrar diligente cultor da bondade, procurando imitar a bondade daquele que se chamou de **Bom Pastor** e foi chamado de **Bom Mestre** pelos seus discípulos.

O escoteiro que se habituou a cultivar a bondade tem a dupla vantagem de se sentir feliz e de tornar felizes aquêles que o cercam.

Nunca perde o bom-humor, sabe ser indulgente para com os defeitos alheios, torna-se, enfim, o ídolo e a alegria da sua patrulha, da sua tropa, dos seus condiscípulos e de todos.

A sua presença é fôrça moral que afugenta a tristeza, o desânimo, a covardia, a pusilânimidade diante das dificuldades.

É como um sol aquecedor e vivificante que rompe os frios nevoeiros e parece sorrir para a natureza, mergulhando-a em um banho de luz e de vida.

* * *

A bondade é o otimismo em ação e otimismo é condição essencial ao êxito na vida, é confiança na Providência divina, que tudo dispôs para o bem de todos.

Condena-se a fracassar constantemente em tudo, quem costuma observar os homens e as coisas pelo seu lado pior, quem não confia na solicitude paternal da Providência sôbre os homens, quem se não esforça por despertar o potencial de energias latentes que Deus depositou em cada um de nós.

O mundo é um vale de lágrimas, mas não há vales sem elevações que os formem.

Por que permanecer no vale, se Deus nos deu a faculdade de subir as encostas, as elevações, os montes e lá gozar a alegria de viver?

Não nos foi dado o direito de nos julgarmos infelizes e de contristarmos o nosso próximo com as nossas lamúrias e os nossos eternos lamentos.

A companhia ou mesmo a simples presença dos pessimistas, dos eternos descontentes, é um martírio. O simples contato com essa gente constitui um mal-estar e um perigo de contágio. E nós não temos o direito de nos tornarmos algozes gratuitos do nosso próximo.

É um crime contra a bondade, uma tentativa contrária aos planos divinos.

* * *

Fomos criados à imagem e semelhança de Deus, que é a fonte infinita de toda a bondade. Não deformemos essa imagem e semelhança.

Imitemos a bondade dêsse Deus que, segundo a narrativa da criação no livro sagrado, tudo fez bom.

Diz-nos o historiador sacro, no livro do "Gênesis", que, ao fim de cada dia da criação, Deus observava as coisas criadas e via que tudo era bom e muito bom.

Não é que o Criador tivesse de conferir as suas obras, como nós, humanos e imperfeitos. Adivinha-

se, porém, com facilidade, a imitação de Moisés na sua insistência em ressaltar, ao fim de cada criação: "E Deus viu que tudo isto era bom".

Só Deus é bom: ensinam-nos as Sagradas Escrituras. Mas a bondade é o dom de si mesma. Por ser êle bom, os seus atributos divinos parecem ocupados unicamente conosco.

"A sua onipotência repara a deficiência das nossas fraquezas. A sua justiça corrige os nossos desvios. A sua prudência cuida dos nossos interesses. A sua misericórdia perdoa e consola os corações angustiados. A sua verdade repara as consequências dos nossos erros".

Não era sem razão que Davi convidava insistentemente o homem para louvar o bom Deus e Moisés declarava boas e muito boas as obras do Criador.

Os evangelistas colheram dos lábios de Jesus Cristo estas palavras: "Sêde perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito".

Parece assombrosa esta sentença do Messias. Na verdade, quem poderá atingir a perfeição de Deus? Podemos, todavia, chegar a uma perfeição relativa e esta é que o divino Pregador do sermão da montanha aconselhava aos seus ouvintes, apresentando-lhes como supremo modelo o seu Pai celestial.

É a essa perfeição relativa que vos quer levar a doutrina da nossa Igreja. É a essa perfeição relativa que vos conduz o sistema educativo de Baden

Powell, se o souberdes valorizar com a reta intenção sobrenatural.

Procurai atingir o máximo da perfeição no exercício da bondade.

Sêde bons. Sêde bondosos.

A AMABILIDADE

SÊDE AMÁVEIS

A amabilidade é flor que brota espontaneamente da planta da bondade.

É a primeira manifestação de um coração bom, o cartão de visita ou de apresentação de um coração caridoso.

Creio, por essas poucas palavras, adivinhastes já o meu pensamento. É que considero a amabilidade como o primeiro grau da bondade, o seu comêço.

É a bondade apenas *insinuada*, pelo porte, pelas boas maneiras, pelo sorriso franco e jovial, enfim, pelo modo de se apresentar aquêle que é ou deseja ser bom.

Ser amável não é ainda ser bom, porque a bondade não consiste sòmente em se apresentar um todo sempre polido e bem-humorado.

Se a amabilidade é o ponto de partida ou a primeira manifestação externa da bondade, esta não fica na superfície, na aparência, assim como não fica apenas no indivíduo que a pratica.

Não é o hábito que faz o monge. Não é o uniforme que faz o escoteiro. Não é a veste que identifica o caráter, nem mesmo a posição social e econômica do homem.

Assim também não é a simples e superficial aparência de amabilidade, de modos afáveis e delicados, que identifica a bondade em alguém.

Afinal, sob feições atraentes e cativantes pode ocultar-se um coração mau, como sôbre as covas rasas dos cemitérios podem vicejar belas e perfumadas flores. Os sepulcros caiados da hipocrisia podem velar muita miséria e muito desencanto.

Por outro lado, a virtude da bondade se extravasasse do nosso coração para tender ao bem do próximo. Tem necessidade de se expandir como o pássaro a tem do espaço para voar.

E, em realidade, se expande ativa e passivamente. Ativamente, promovendo por todos os meios ilícitos e em tôdas as oportunidades, o bem alheio. Passivamente, suportando serenamente os defeitos do próximo.

É sempre o transbordamento do coração em o dos nossos semelhantes.

Compreende-se, portanto, sem dificuldade, que a bondade começa pela amabilidade. Mas começa, apenas.

Neste segundo "Fogo do Conselho", quero falar-vos dessa virtude social, que tanta afinidade tem com o quinto artigo do vosso código, da "Lei" escoteira.

* * *

Sêde joviais, alegres, amáveis, meus caros escoteiros. "O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades", diz o oitavo artigo da "Lei".

O sorriso, escreveu alguém, é uma verdadeira força vital, um poder que se pode considerar invencível, pois consegue triunfar das maiores resistências.

Há, talvez, exagero nesse dito, mas, há também muito de verdadeiro e real.

Não há muito, li um trecho de um livro, que anotei em meu caderno e agora vos passo.

"É um verdadeiro privilégio possuir um rosto sorridente, capaz de espalhar luz por tôda parte onde esteja, de expulsar as trevas e de iluminar os corações tristes; um rosto que tenha o condão de fazer brotar a alegria nos corações desconsolados, só com um olhar alentador e radioso.

A felicidade de espalhar o sol em tórno de si tem mais valor do que a beleza e a fortuna.

Se quiserdes produzir o máximo de que sois capazes, conservai a vossa alma cheia de sol, cheia de beleza e de verdade, de pensamentos alegres e alentadores.

Expulsai tudo o que vos possa tornar infelizes e tudo o que vos constranja a liberdade, tudo o que vos entristeça ou deprima".

* * *

A natureza dotou espontaneamente muitas almas privilegiadas com a arte de agradar a todos, mas a amabilidade, muitas vêzes, custa o preço do sacrifício, de esforços contínuos.

No caminho da vida, temos que encontrar e, muitas vezes, acompanhar companheiros de viagem desagradáveis e até insuportáveis.

Há os de temperamentos fechados, austeros, sombrios, quase incomunicáveis, de fisionomias tristes e retraídas.

Homens sem ânimo para nada, pessimistas, neurastênicos, vencidos na vida, incapazes de um sorriso, com os quais temos que tratar.

Merecem mais a nossa compaixão indulgente do que a nossa repulsa.

Não souberam reagir em tempo contra o ambiente sombrio que, muitas vezes, encontraram no próprio lar.

Bem cedo perderam a jovialidade que a juventude irradia com tanta generosidade.

Para suportá-los temos que fazer o sacrifício da nossa sensibilidade, do nosso temperamento.

E é nessas circunstâncias que nos convencemos de que a amabilidade cristã é mais do que a simples polidez mundana ou social, é uma virtude, cuja prática habitual exige o elemento sobrenatural da graça divina.

* * *

A infância é como a flor que se abre aos primeiros sóis. Se alguém a priva da luz e do calor solar, empalidece, definha e morre.

Um menino triste, esquivo e desconfiado é como a planta privada do sol.

O Escotismo é um sistema educativo que prepara convenientemente a criança para enfrentar tôdas as dificuldades da vida, com jovialidade, com desembaraço e bom-humor. É sol para a infância.

Ensina-lhe a manter sempre uma fisionomia atraente, um espírito alegre e feliz, uma conversação simples e bondosa, voraz e espontânea, que encanta e seduz.

Por que nos não conduzirmos como os santos, que de tal modo disciplinaram a vontade, que nada lhes alterava a alegria íntima, fôssem quais fôssem as situações em que se encontrassem?

Nem sempre eram dotados de temperamento favorável e só à custa de ingentes sacrifícios chegaram, sob a ação sobrenatural da graça divina, ao inteiro domínio da vontade, como, por exemplo: S. Francisco de Sales.

Como as abelhas que de tôdas as flores sabem extrair saboroso mel, sabiam êles converter os mais duros infortúnios em sólidas fontes de alegria, dessa alegria serena e tranqüila que os caracterizava até nos suplícios do martírio.

Considerai o raio transparente do Sol. Desça sobre as águas límpidas e correntes ou sobre os charcos estagnados, nada perde o raio solar de sua pureza e, além disso, conserva o seu poder purificador.

Pouco importa a circunstância ou o ambiente em que nos encontremos, podemos ser como o raio solar. Não somente nos conservaremos contentes

e prazenteiros, mas ainda transmitiremos vigor e alento àqueles que perderam a alegria de viver.

Por que nos contrariarmos inútilmente nas adversidades, se temos a certeza de que o nosso mau-humor tornará mais pesada a nossa cruz, ou, no mínimo, em nada nos aliviará e, por acréscimo, nos tornará mais pesados aos outros?

Aprendeí a arte de olhar as coisas com otimismo cristão.

A vida é uma sucessão contínua de impressões agradáveis e desagradáveis e há mil coisas que facilmente podem alterar o nosso humor.

Mas, o segredo de evitar preocupações e perturbações está em nos abandonarmos à solicitude da divina Providência, em cultivarmos o domínio sobre nós mesmos, em simplificarmos a nossa vida, limitando-nos a cumprir o dever do momento presente.

Cada instante nos oferece um dever a cumprir e a este é que nos devemos dedicar, sem lamentações inúteis e enfadonhas sobre o passado e sem preocupações antecipadas sobre o futuro.

Por que pensar em aborrecimentos que já passaram? Por que complicar o momento presente, preocupando-nos com possíveis dificuldades?

O escoteiro enfrenta, sorrindo, as dificuldades, mas as enfrenta, é claro, quando surgem, isto é, no momento presente.

O passado já se foi e o futuro ainda virá. Do passado ficou a experiência e esta nos ensinará a enfrentar o futuro, quando este se tornar presente.

E êsse presente, havemos de encará-lo pelo prisma do otimismo cristão.

Se vos habituades a observar os homens e os acontecimentos pelo lado pior, a existência se vos tornará aflitiva e insuportável. Duplamente aflitiva e insuportável: para vós e para os outros.

Certa vez, ouvi de alguém, esta sentença ajuizada: "o mundo é um espelho que reflete a nossa própria imagem. Se lhe sorrirmos, êle nos sorri; se choramos, mostra-nos um aspecto triste".

Senti a veracidade dessa sentença, fazendo experiência própria.

Quando nos entregamos a alguma tristeza, tudo o que nos rodeia parece triste e sombrio; o silêncio nos dá a sensação do abandono, e a agitação e o barulho parecem zombar da nossa tristeza.

Se reagimos contra a tristeza e o acabrunhamento, as coisas se revestem de outro aspecto. De sombrias se tornam róseas.

Aqui vai uma oportuna observação de Mardem, cujas obras gosto muito de ler: "Todos nós sabemos que a própria paisagem parece sorrir-nos quando estamos contentes. Parece que o Sol e as flores refletem a nossa alegria. Mas se estivermos melancólicos e desanimados, tôda a natureza se torna escura.

Quando perdemos a faculdade de sorrir, imagens tenebrosas surgem no espírito, que se deixa invadir pela dúvida e pelo temor; a nossa imaginação torna-se mórbida, presa de alucinações, que se apo-

deram da mente, logo que a atividade espiritual cessa; quando a alegria se ausenta, vem a tristeza”.

* * *

Se, por um lado, somos o primeiro beneficiado quando estamos alegres e contentes, quando nos conservamos amáveis, por outro, criamos novo ambiente, feliz e atraente, para os que tratam ou convivem conosco.

Levamos, assim, um pouco de luz, um pequeno raio de sol, às almas tristes e desalentadas, que se julgam condenadas a um destino sombrio.

As enfermidades, as desventuras, as decepções, o desamparo, a indiferença de uns e o desdém de outros, levam muitas almas ao desespero e ao suicídio moral, situando-as entre as fronteiras de um complexo de inquietudes sem fim.

Há tantas vidas inúteis e amarguradas que poderiam tornar-se fecundas e felizes se encontrassem sempre, à margem da sua via dolorosa, a doçura de um olhar compassivo, o estímulo de uma palavra amiga e caridosa, a ajuda desinteressada e paciente de um coração que as soubesse compreender!

A própria caridade, que é bálsamo para todas as desventuras, a esmola entregue a um pobre mendigo, perdem o seu encanto natural, se distribuídas com modos arrebatados e secos.

Certa vez, por ocasião de uma festa aos pobres da paróquia, após o almôço e distribuição de roupas e víveres, comecei a palestrar com êles.

Observei logo o contentamento de todos ao se verem objeto do especial carinho e solicitude das pessoas que lhes obsequiavam.

Dir-se-ia que naqueles instantes estavam inteiramente esquecidos de sua condição social e de todas as inclemências e privações de suas vidas errantes. Sentiam-se mesmo felizes.

Veio-me a idéia, não sei por que, de fazer um inquérito singular entre todos. A cada um fui perguntando qual a coisa que mais tristeza lhe causava.

As respostas foram muito variadas e algumas bem disparatadas. Entre todas, porém, uma ouvi que deveria servir de proveitosa lição a todos nós.

“O que me causa a maior tristeza na vida, disse um dêles, não é ser cego, pobre e cheio de provações, porque sei que é a vontade de Deus.

“O maior desgosto da minha vida é causado pelos maus modos de certas pessoas que me dão esmolas. Senhor Vigário, há esmolas que amargam mais do que o fel e há “perdoe” mais consolador do que as esmolas mais generosas”.

Há esmolas que amargam mais do que o fel... por causa dos maus modos, das palavras ásperas, dos rostos fechados e constrangidos daqueles que as dão... Disse-o aquêlê velhinho sofredor que, certamente, mostrou não ser o mais humilde, mas dis-

se uma verdade que deveria ser meditada por muita gente boa e educada.

Ensinem-nos essas palavras sentidas de um pobre mendigo anônimo das estradas, quanta amargura, quanta humilhação e quanta tristeza derrama a falta de amabilidade na alma daqueles que têm a desventura de necessitar de nós, mesmo quando os socorremos.

* * *

Sêde amáveis, meus bons escoteiros. Praticai a amabilidade como virtude cristã, pois, como cristãos e como escoteiros, tendes o duplo dever de a todos tratar com brandura de coração.

Eu disse: praticai a caridade como uma virtude cristã. Disse-o intencionalmente, porquanto nisso, como em tudo, deveis agir por motivos sobrenaturais. Valorizemos as nossas ações.

Não faz mal insistir freqüentemente sôbre essa observação.

S. Paulo nos deu um belo exemplo e um mandamento quando aconselhava, em uma de suas epístolas, êsse espírito sobrenatural que deve dirigir e informar tôdas as atividades de um discípulo do divino Mestre.

Quer comais, quer bebais, quer façais outra coisa qualquer, tudo fazei para a glória de Deus.

Tôdas as nossas ações, por mais ordinárias que sejam, podem ser assim valorizadas por êsse espírito sobrenatural.

É necessário que nos não enganemos e vivamos como verdadeiros cristãos e católicos.

Os pagãos e os homens sem fé também têm as suas boas qualidades, as suas virtudes, mas virtudes que não ultrapassam os limites de simples qualidades naturais, humanas, sem valor sobrenatural.

* * *

Há uma falsa amabilidade, tôda feita de superficialismo, que segue apenas o curso da natureza e anda à mercê das paixões e das conveniências próprias.

Não merece o nome da virtude cristã, pois nasce do temperamento natural ou dos princípios que regem as boas maneiras no trato social.

Pode chamar-se polidez, civilidade, urbanidade e é, até, uma excelente qualidade social, mas não chega a ser uma virtude cristã.

Prescinde do sobrenatural e como tal não pode bastar a um verdadeiro discípulo daquele que declamou: sem mim nada podeis fazer, eu sou a videira e vós os sarmentos.

A amabilidade — virtude cristã — não age por temperamento, por cálculo, por interêsse. É virtude que exige espírito de sacrifício e de renúncia.

Enquanto a amabilidade — virtude social e meramente humana — navega à mercê dos ventos favoráveis, de segundas intenções, amabilidade — virtude cristã e sobrenatural — tem, muitas vêzes, de remar contra a correnteza das tendências naturais.

Diante do sentimento do orgulho, do orgulho que não sabe suportar os defeitos alheios, que não perdoa as contradições e não tolera os ataques e até as virtudes e o bom êxito do próximo, a polidez humana perde a calma e transforma, não raramente, o sorriso da amabilidade social no agressivo das represálias anticristãs.

Se algumas vêzes se contém e se domina em ocasiões difíceis, fá-lo por motivos meramente humanos, por conveniências sociais, por questão de educação, quando não, calculadamente, para colhêr melhores interêsses particulares e individuais.

Nesse último caso, perde até o caráter de boas maneiras, de urbanidade, de etiquêta, para tomar o aspecto e a realidade de uma cilada, cuja finalidade é melhor servir ao egoísmo.

Casos há em que, sob o disfarce da amabilidade, sob a aparência de amizade, preparam-se violentas ofensivas e vinganças terríveis.

São diques provisórios, barragens temporárias, que visam apenas o acúmulo das águas para, quando retirados êstes, em tempo oportuno, irromper com intensidade e violência, a torrente impetuosa... do amor próprio ofendido, do egoísmo recalçado a custo.

Tendes mil ocasiões de exercer a amabilidade, em casa, para com os vossos pais e irmãos, na escola para com os vossos mestres e condiscípulos, na tropa e na patrulha para com os vossos chefes e monitores.

A amabilidade é o perfume característico, o odor suave e delicado, que deve embalsamar tôdas as ações.

É a forma graciosa que deve ornar os vossos menores gestos. É o encanto da vida em comum, que amortece e faz desaparecer os pequeninos atritos sociais.

Lembro de um pequeno incidente, um fato insignificante que, no entanto, pode ser lembrado agora e com muita oportunidade.

Aconteceu em a nossa sede, pouco depois de uma palestra que vos fiz sôbre o mesmo assunto de hoje. O seu protagonista está aqui no meio de nós e, talvez, nem se recorde do fato; eu, porém, não o esqueci.

Terminada a palestra, já estavam fechando as portas, quando uma delas rangeu ásperamente na dobradiça meio emperrada.

Perguntei ao escoteiro encarregado de fechá-la por que não fazia desaparecer aquêlo ruído desagradável. Terminaria por deteriorar a dobradiça, pois aquela porta se haveria de abrir e fechar muitas vêzes.

O escoteiro compreendeu a advertência. Tomou a almotolia de lubrificar o eixo da carroça da tropa e derramou algumas gotas sôbre a dobradiça. Depois fechou e abriu repetidamente a porta e o ruído desapareceu.

E o pequeno escoteiro disse sorridente: Padre, umas gotinhas de óleo em uma dobradiça que ran-

ge, são como um escoteiro amável no meio de outros ranzinzas. . .

O menino havia assimilado bem o que eu dissera, momentos antes, na minha palestra mensal. Raciocinava mais ou menos dêste modo: assim como um pouco de lubrificante elimina o atrito de peças metálicas ressequidas que rolam umas sôbre as outras, tornando-as brandas e suaves, assim a virtude da amabilidade evita os pequenos atritos, tão comuns em agrupamentos de crianças, e também de gente crescida, suavizando o viver social.

As gotinhas de óleo não sômente eliminaram o desagradável ruído, mas, certamente contribuíram para vida mais longa ou conservação da dobradiça, evitando-lhe o desgaste do atrito. A amabilidade cristã, praticada com espírito sobrenatural, não sômente evita dissabores ao nosso próximo, mas ainda intensifica e enriquece a nossa vida interior e nossa união espiritual com aquêle que prometeu não ficar sem recompensa até um copo de água dado a quem sentisse sede.

Experimentai se é ou não verdadeira a observação do vosso pequeno e anônimo companheiro. Experimentai-a em tudo e principalmente nos acampamentos e jogos escoteiros.

Hoje mesmo, teríeis evitado aquela discussão durante o exercício de pista e teríeis evitado — os que discutistes — a oportuna observação do Chefe.

* * *

Evitai a dissimulação, o espírito dúplice, a vivacidade excessiva, as palavras picantes, os apeli-

dos indesejáveis, as discussões, o apêgo imoderado às opiniões próprias, em uma palavra, tudo aquilo que possa melindrar os outros. Não sejais como portas que rangem.

Sêde afáveis no falar, no perguntar e no responder. Não retribuais o mal com o mal. Respeitai a suscetibilidade dos outros.

Desculpai generosamente os maus modos de outrem. Preferi sofrer a fazer que os outros sofram por vossa causa. E sobretudo vós, monitores, que tendes alguma parcela de autoridade no meio da tropa e a tendes maior diante das vossas patrulhas, sêde escrupulosos nesse particular. O hábito da autoridade, de mandar, infelizmente e quase sempre, tornam insuportáveis muitos superiores.

Sêde indulgentes para com todos, principalmente para com os menos educados e mais arrebatados, para com os de posição social ou hierárquica mais modesta que a vossa, para com os pobres, para com a velhice.

Diz o Espírito, nos livros sagrados, que a palavra doce e amável quebra a cólera e multiplica o número dos amigos. A contraditória é igualmente verdadeira.

Nunca chegareis a calcular, com exatidão, o bem imenso que podem distribuir um sorriso oportuno, uma palavra carinhosa e estimulante a um pobre que vos pede um auxílio ou a um subordinado que cumpre as vossas ordens.

O pobre, sobretudo, mais necessita de boas maneiras, que de pão e de carne. Um “não” dito com

doçura e amabilidade dá maior consolação ao pobre, do que a esmola dada de rosto carrancudo.

Lembrai-vos de que há esmolas que amargam e amargam mais do que o fel. . .

Sêde meigos e obsequiosos para com a velhice. Os velhos, quase sempre, são impertinentes, cheios de vontade, esquisitos, aborrecidos.

A idade, suas fraquezas, suas enfermidades físicas e morais, suas necessidades e mil outras causas contribuem para isto.

Pagam êles hoje à natureza o tributo que vós também haveis de pagar amanhã, quando chegardes à sua idade.

Sejam os seus defeitos motivo, não de aborrecimentos ou de brincadeiras de mau gosto, mas de poderosa credencial para merecerem a vossa indulgência escoteira e cristã.

Êsses velhinhos estão mais perto de ver a Nosso Senhor e é necessário que nêles vejais a pessoa de Jesus Cristo, segundo o espírito da nossa santa Religião.

Todo respeito e veneração que lhes proporcionardes transmitirão à sua velhice um pouco da vossa juventude feliz e alegre.

Um dia sereis velhinhos também e só então podereis avaliar o bem que lhes fizestes.

Sêde amáveis.

A CARIDADE

SÊDE CARIDOSOS

Não sei de onde extraí esta sentença, que passei para o meu caderninho de notas: "o homem é bom segundo a medida em que esquece a própria individualidade e se sacrifica pelo bem do próximo".

Coisa um tanto difícil, nesses tempos de tanta ambição e de tanto egoísmo

Pensamos tanto em nós mesmos, em nossos interesses, em nossas comodidades, que raramente nos lembramos dos nossos semelhantes ou dêles nos lembramos calculando vantagens.

Gostamos demasiadamente do eu e, insensivelmente, o demonstramos em nossas conversas comuns, em nossas atitudes diárias, nas obras que realizamos.

Se fizermos uma análise prática da nossa vida, veremos sem dificuldade, que o eu é, realmente, como o é em gramática, um pronome.

A última aula que vos dei sobre a nossa língua versou sobre o pronome pessoal.

Aos que assistiram àquela aula, ou seja aos que formam a terceira patrulha, vou apresentar uma comparação que, talvez, não seja compreendida pelos menores, mas poderá servir de teste sin-

gular para ocupar o tempo dos mais curiosos, durante o primeiro recreio de amanhã.

Interroguem-se uns aos outros e procurem desvendar o verdadeiro significado do que vou dizer. Trará isto algo de prático e útil; no mínimo recordareis o que seja pronome em gramática portuguesa e... na gramática usual da nossa vida.

Disse acima que se analisarmos, mesmo superficialmente, a nossa vida, veremos sem dificuldades, que o eu é, realmente, como o é em gramática, um pronome.

E é mesmo um pronome, um pronome muito pessoal, um pronome que é o primeiro de todos e um pronome de caso reto, que atrai diretamente para nós tudo o que é bom, melhor e mais cômodo, deixando tudo mais em caso oblíquo, quando se trata dos interesses individuais do nosso idolatrado eu.

Há mais uma particularidade. Os gramáticos definem pronome como uma palavra que se põe em lugar do nome, indicando simultaneamente a pessoa gramatical dêste.

Em nosso caso, o querido pronome eu não estaria em lugar de um nome, mas pretende tomar o lugar de todos, em tudo quanto faz sobressair a nossa pessoa ou lhe angaria vantagens. Indica sempre a nossa pessoa, o nosso eu.

A caridade cristã condena tal preferência egoísta. Manda que nos esqueçamos, quanto possível do nosso eu e nos lembremos constante e eficientemente do nosso próximo.

Só nos aproveitam os frutos, quando lhes extraímos as cascas; assim também a nossa vida só poderá produzir real proveito para o nosso próximo e até para nós mesmos, se nos desvencilharmos das cascas do egoísmo.

O próprio Deus não nos pareceria tão grande e tão bom, se permanecesse solitário em sua felicidade infinita, se conservasse o seu céu fechado sobre nós.

A imagem do Salvador, que prevaleceu na memória e no culto da humanidade, não foi a imagem do Cristo Taumaturgo operando milagres, do Cristo do Tabor ou ressuscitado, mas a imagem do Cristo crucificado, dando até a própria vida pela nossa redenção.

* * *

Por ocasião de um dos nossos acampamentos, ouvi de um escoteiro uma frase que me deixou má impressão, pois o menino de hoje será o homem de amanhã e o homem se revela nas coisas de pequena importância. Nessas ocasiões, quase sempre e, muitas vezes, sem que o pressinta, deixa cair uma nesga do manto que envolve sua personalidade.

Vai aqui o fato. Estávamos quase a levantar o acampamento e o corneteiro tocou "rancho", convidando a tropa a tomar a última refeição no campo.

Estando na cozinha, ouvi o cozinheiro da tropa exclamar: parece que a provisão não chega para

todos; vou reservar o meu pratinho e o resto que se arranje como puder.

Eis aí, meus caros escoteiros, uma frase que não assenta bem a um discípulo de Baden Powell, porque, apesar de parecer muito natural e muito comum, demonstra uma pontinha de egoísmo. Foi uma frase reveladora.

E, nas coisas boas como nas más, é do pouco e pelo pouco que se vai ao muito. Nisto também, a natureza não dá saltos.

O homem se revela inconscientemente em circunstâncias assim, de pequena importância. Um clássico latino, Virgílio, disse ou antes escreveu que uma deusa se deu a conhecer certa vez pelo simples modo de andar — *incessu potuit dea*.

Voltemos ao fato. Fiquei a pensar comigo mesmo: aquêle escoteiro não seria capaz de sacrificar-se espontaneamente ao bem comum, quando circunstâncias graves dêle exigissem um ato de abnegação. Quem não é capaz do menos, também não o é do mais. É lógico.

* * *

Servir: eis o lema do Escotismo. Servir: eis a lei fundamental do Evangelho. Servir: eis o resumo da vida de Jesus Cristo, consoante suas próprias palavras — não vim ao mundo para ser servido, mas para servir.

A palavra que, na linguagem humana, mais se prestaria para resumir tôda a obra do Homem-

Deus, seria, sem dúvida, a palavra devotamento ou caridade, porque não fez outra coisa senão devotar-se aos homens, renunciando a tôdas as comodidades e até à vida.

Nada há que mais avive em nós a semelhança divina do que a caridade assim devotada; dá-nos a feliz ilusão da bondade de Deus, participada às criaturas.

O Escotismo bem entendido e praticado é uma escola de devotamento.

A boa ação cotidiana, exigida pelo terceiro artigo da Lei, é um serviço ao próximo. Relembremos este artigo: "o escoteiro está sempre alerta para ajudar ao próximo e pratica diariamente uma boa ação".

Parece-me que este é o sentido do melhor possível do lobinho, do sempre alerta do escoteiro e do servir do pioneiro.

Parece-me ainda que essas três modalidades da saudação escoteira resumem e cristalizam a finalidade do Escotismo.

Poderíamos juntá-las assim: Sempre alerta para servir, o melhor possível, a Deus, à Pátria e ao próximo. Quase deveria também escrever a palavra próximo, em nosso caso, com letra inicial maiúscula, com P grande.

Falar-vos-ei hoje da caridade considerada como bons serviços prestados ao próximo, como de-

votamento desinteressado àqueles que de nós necessitam.

* * *

Citei, pouco há, estas palavras de Jesus Cristo: "eu não vim para ser servido, mas para servir".

A vida de um escoteiro deveria ser o comentário vivo dessas palavras de Nosso Senhor.

Que belo ideal para uma vida cristã! Que melhor elogio se poderia fazer a um escoteiro, do que dizer-se d'ele como se disse do divino Mestre: passou pelo mundo semeando benefícios — **persansit benefaciendo?**

Ter sempre nos lábios uma palavra de consôlo para os que sofrem, um semblante jovial e comunicativo para os desventurados, modos atenciosos e gentis para os que se julgam vítimas do desdém, atitudes e gestos de alento e de encorajamento para os que niilizam em complexos de inferioridade, aliviar a fome, a sede e a nudez dos pobres necessitados: eis uma ocupação divina que Baden Powell quis transplantar para o coração dos escoteiros.

Não é esse o significado do segundo artigo da "Promessa" feita solenemente no dia feliz da vossa investidura como escoteiros: "Prometo, pela minha honra, ajudar ao próximo em tôda e qualquer ocasião?"

Para gravar mais eficientemente essa promessa no coração juvenil do escoteiro, Baden Powell

dela fez uma lei, a terceira do decálogo escotista: "o escoteiro está sempre alerta para ajudar ao próximo e pratica diàriamente uma boa ação".

Bem claro está que essa **boa ação cotidiana**, lembrada na segunda parte do terceiro artigo da Lei, visa diretamente o próximo, seu objeto principal e térmo imediato.

Dirige-se a alguém e deixa entender, sem qualquer dúvida, que o próximo é seu beneficiário direto, porquanto, como se infere do texto e contexto e do espírito de todo o decálogo escotista, a vida do escoteiro subjetivamente considerada, deve ser integralmente boa, há de êle fazer sempre bem tôdas as suas ações.

Para mim, o que identifica o valor de uma tropa ou de uma patrulha, mais do que os distintivos usuais de especialidades conquistadas, é a sua estima pela prática da **boa ação cotidiana**.

Daí concluo a necessidade de se promover, com suma diligência, a prática da boa ação diária entre os escoteiros. Haja mesmo verdadeira emulação entre as diversas patrulhas da tropa, nesse sentido.

Por que se não incentivar aquêle costume salutar de o escoteiro que praticou a **boa ação** atar ou desatar o nó das extremidades dianteiras do lenço?

O hábito de bem servir, de devotar-se sempre ao próximo, em outras palavras, a prática da **boa ação** em favor de outrem, levará o escoteiro a executar sempre o **melhor possível** as ações individuais, cujo térmo é o próprio aperfeiçoamento.

Não há nisso mistério, nem dificuldades. Antes uma coisa provoca a outra naturalmente, como consequência espontânea.

Dizia o herói de Shakespeare: "nenhum dia sem uma ação que o coroa".

Não tendes necessidade de recorrer a Shakespeare. O Evangelho vô-lo ordena e Baden Powell deixou bem claro na Lei êsse apostolado cotidiano da boa ação, que opera verdadeiros milagres de devotamento nos meios escoteiros.

* * *

Comentando o segundo artigo da "Promessa", tão bem sintonizado com o terceiro artigo da "Lei", F. Floriano de Paula, autor do livrinho "Para ser Escoteiro", faz as seguintes ponderações.

"Um dia foi perguntado a Jesus: Mestre, qual o grande mandamento da Lei? Ao que êle respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Êste é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante a êsse: amarás o próximo como a ti mesmo".

Como vês, meu caro escoteiro, a primeira explicação que darás desta parte da Promessa, continua Floriano de Paula, é que constitui uma ordem de Deus, expressa por outras palavras.

Ajudar significa auxiliar, socorrer, prestar um serviço espontaneamente. Não é capaz de fazer isso, quem não ama, quem não preza, quem não considera alguém.

E como deves considerar as pessoas? Como teu próximo. Desde que tenhas oportunidade de servir alguém, aí está a ocasião determinada pela "Promessa". Mesmo o teu inimigo.

E prossegue o autor citado, concluindo dessa maneira: O artigo da "Promessa" quer dizer: fazermos de fato ao próximo o bem que quiséramos nos fôsse feito. Fazer, o bem, nesse sentido, é caridade.

Nota bem êsse ponto: quanto mais souberes, mais possuíres, mais obrigações terás.

Um lobinho tem menos e um pioneiro tem mais deveres do que o escoteiro. O esforço que empregares para ajudar o próximo deve ser sempre igual ou maior do que aquêle que tua condição social permite.

E fazê tudo para servir o Senhor teu Deus, que te deu a vida para cumprires os seus mandamentos. Não te orgulhes de tuas obras. Oferece-as a Deus "como prova de tua humildade e de tua obediência".

Ao explicar o terceiro artigo da Lei, o mesmo autor assim se expressa: "Já compreendes que o Escotismo é uma escola de formação moral. E não se aprende moral em palavras. Fazendo, praticando, é que nos habituamos a ser virtuosos.

Por isso é que a Lei diz: "está sempre alerta para ajudar o próximo". Porque, sem atenção, sem desejo de realizar uma obra meritória, não encontramos as oportunidades.

Os que precisam passam por nós sem que os vejamos. É necessário andar atento, alerta.

Mas, a Lei impõe mais: "... e pratica diariamente uma boa ação". O escoteiro, ao levantar-se, deve ter em mira esse dever: praticar a Boa Ação. Se está uniformizado, dá um nó na ponta do lenço para não se esquecer. Quando pratica a Boa Ação desata o nó, fica em paz com a consciência escoteira.

Surge outra oportunidade? Pratica outra Boa Ação e tantas quantas apareçam em seu caminho. Uma, pelo menos, é o que a Lei exige.

A Boa Ação pode ser pequenina ou grande. Faltar ocasião de praticá-la é que não é possível. Só se o escoteiro não estiver alerta. E isso é contra o artigo terceiro.

Em casa ou na rua, cumpre esse dever escoteiro.

"Tôdas as vêzes que fizerdes isso a um dos meus irmãos pequeninos, a mim foi que o fizestes", disse Jesus. "Pratica a tua Boa Ação por amor de Deus".

Aí está, meus bons escoteiros, dito por um Chefe escoteiro, por um homem que não é padre, mas é cristão e católico, o modo como um escoteiro deve sobrenaturalizar a prática da Boa Ação, que nesse caso deveria ser escrita mesmo com B e A grandes, maiúsculos.

Tal espírito sobrenatural deve existir em tôdas as vossas ações, por mais ordinárias e indiferentes que possam ser. Para um cristão que vive realmente

sua vida cristã, nada há, em suas ações, de indiferente ou de simplesmente natural.

* * *

Meninos de hoje, sereis os homens de amanhã. A vossa família, a escola, a tropa e a patrulha a que pertenceis como escoteiros, são o vosso mundo de hoje, constituem a vossa pequena sociedade atual.

Amanhã se alargarão as fronteiras do vosso mundo social, mundo complicado que exigirá de vós mais pesados tributos de deveres, de concessões, de renúncias, de bons officios, de devotamento e sacrificios, de generosidade e paciência.

O pequeno mundo de hoje é o aprendizado do grande mundo de amanhã.

Se dêle não sairdes devidamente preparados, munidos das virtudes sociais que previnem os individuos contra os atritos da sociedade, tereis de enfrentar surpresas desagradáveis, amargas decepções, choques inevitáveis.

Entre essas virtudes sociais, a caridade que é a mais vigorosa expressão da bondade, ocupa lugar eminente.

Escrevendo aos fiéis de Corinto, fêz S. Paulo o mais belo e completo elogio da caridade, nos termos seguintes: a caridade é paciente, benigna; a caridade não é invejosa, não trata levianamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca a si mesma, não se irrita, não se julga mal, não folga

com a injustiça, porém se alegra com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Aí está, nessas palavras do Apóstolo que se fez tudo para todos, um excelente programa de vida no que toca às nossas relações para com o próximo.

Aí está o segredo de se cumprir à risca o quarto artigo do decálogo escotista, isto é, "o escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros".

Aí está a senha universal, o sinal certo que Jesus Cristo declarou ser o distintivo dos bons cristãos: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos — se vos amardes uns aos outros".

Poderíamos também dizer: nisto conhecerão todos que sois bons escoteiros — se, em vossas palavras e ações, tiverdes caridade uns para com os outros.

* * *

Sêde caridosos em vossos pensamentos, evitando os juízos temerários e suspeitos.

Não julgueis e não sereis julgado, disse o divino Mestre.

Por que condenar os nossos irmãos, interpretando mal as suas ações, se não conhecemos bem as suas intenções, os motivos e as circunstâncias secretas que os levaram a agir daquela maneira?

Não julguemos pelas aparências ou por motivos fúteis e apenas presumíveis.

Não julgueis antes do tempo, escreve S. Paulo aos Coríntios, até que venha o Senhor, que revelará

o segredo das trevas e manifestará os conselhos dos corações.

Que remédio haverá para isto? Responde S. Francisco de Sales, em seu livro "Introdução à vida devota": "Os que bebem o sumo da erva ofiúsa da Etiópia, representa-se-lhe por toda a parte que vêem serpentes e coisas espantosas... e os que têm engolido a soberba, a inveja, a ambição, o ódio, nada vêem que não seja mau e vituperável. Para sararem, aquêles devem beber vinho da palmeira; o mesmo digo dos segundos: bebei o mais que poderdes do vinho sagrado da caridade, que êle vos purgará dos maus humores, que vos levam a formar juízos errados.

A caridade, continua S. Francisco de Sales, tão longe está de buscar o mal, que teme encontrar-se com êle e, quando o encontra, volta o rosto e o dissimula e ainda fecha os olhos antes de o ver, ao primeiro rumor que dêle presente, e depois crê, com santa singeleza, que não era o mal e sim uma sombra ou fantasma e, se à força reconhece ser o mal, para logo se volta e procura esquecer-se. "A caridade é remédio grande para todos os males e especialmente para êste".

* * *

Sêde caridosos em vossas palavras, evitando palavras arrogantes e duras, zombarias e gracejos, maledicências e calúnias e apelidos que irritam.

Evitai principalmente a maledicência, que é a manifestação das faltas e defeitos secretos do próximo, e a calúnia, que é a acusação mentirosa do próximo em faltas que êle não cometeu.

Todos têm direito ao gôzo da boa fama, da boa reputação. E nós temos o dever de zelar diligentemente pela boa fama dos nossos semelhantes.

A Sagrada Escritura, no "Eclesiástico", diz que a má língua inquietou multidões, destruiu cidades fortificadas, desbaratou a fôrça dos povos e desfez nações fortíssimas.

São ainda do "Eclesiástico" as sentenças seguintes: o golpe de uma vara faz pisaduras, mas o golpe da má língua esmigalha os ossos; os lábios mentirosos escondem o ódio e aquêle que profere ultrajes é um insensato; a bôca do justo é uma fonte de vida e no muito falar não faltará pecado; o mexeriqueiro e o homem de duas línguas é maldito, porque perturba a muitos que viviam em paz; cerca os teus ouvidos com espinhos, não queiras ouvir a má língua e põe na tua bôca uma porta e uma fechadura; funde o teu ouro e a tua prata e faze uma balança para pesares as suas palavras e um freio bem ajustado para a tua bôca...

Por mais que se procure retratar, os vícios da língua deixam vestígios indeléveis.

Tão difícil é reparar os danos causados pela maledicência e pela calúnia, como reunir os grãos de um punhado de areia que se atirou do alto de uma tôrre, em um momento de tempestade.

Infelizmente as palavras do maledicente e do caluniador se divulgam e se espalham com incrível rapidez.

Referindo-se à murmuração, observa S. Francisco de Sales, que é uma espécie de homicídio, "porque três vidas temos nós: a espiritual que consiste na graça de Deus, a corporal que consiste na alma e a civil que consiste na fama. O pecado nos tira a primeira, a morte a segunda e a murmuração a terceira. Mas o murmurador, com um golpe único de língua, faz ordinariamente três mortes: mata a sua alma e a do que lhe dá ouvidos, com um homicídio espiritual, e tira a vida civil àquele de quem murmura".

S. Bernardo afirmava que quem murmura e quem o ouve têm ambos o diabo consigo, um na língua e o outro no ouvido.

É ainda de S. Francisco de Sales esta observação: "Davi, falando dos murmuradores, exclama: *afiaram as suas línguas como a serpente — acuerunt linguas suas sicut serpentes*. A serpente tem a língua fendida e com duas pontas; tal é a do maldizente que, com um golpe só, fere e envenena os ouvidos de quem ouve e a reputação daquele de quem fala".

Se alguém falar mal do próximo em vossa presença, não deis crédito à acusações, se o puderdes fazer com prudência e justiça. Se não puderdes, por qualquer motivo justificado, atenuai, ao menos, a intenção do acusado. Se, porém, nem isto puderdes

fazer, compadecei-vos do acusado, desviai a conversação para outro assunto de tal modo que o acusador compreenda que unicamente a Deus devemos agradecer o não cairmos em tais faltas. Afinal, todos temos os nossos defeitos; ninguém é absolutamente bom nem inteiramente mau.

* * *

Sêde caridosos em vossas ações, evitando as antipatias naturais, as rixas, as discussões, as rivalidades, as discórdias e os mexericos.

A inveja é, quase sempre, causa de tudo isso, convertendo-se, insensivelmente às vêzes, em vingança desleal contra aquêles que, de algum modo, levam alguma vantagem sôbre nós.

Vejamos o que dela dizem as Sagradas Letras.

“As palavras do mexeriqueiro parecem singelas, mas penetram até o íntimo das entranhas; assim como o carvão produz um braseiro e a lenha o fogo, assim o homem invejoso excita disputas; quando não houver mais lenha, apagar-se-á o fogo, assim, desterrado o mexeriqueiro, apagar-se-ão as contendas; quando êle te falar em tom humilde, não te fies nêle, porque tem sete malícias no seu coração; a língua enganadora não ama a verdade e a bôca adulatora é causa de ruína. . .”

Acautelai-vos, pois, contra o veneno da inveja, distilado pelos lábios dos mexeriqueiros sem alma.

E vós mesmos não sejais amigos do mexericar, pois, diz ainda o Sábio no livro sagrado dos “Pro-

vérbios”: “quem abre a cova, nela cairá e a pedra cairá sôbre aquêle que a rolou”.

* * *

Sêde caridosos suportando com paciência e longanimidade as fraquezas, o mau-humor, o espírito crítico e os defeitos dos vossos companheiros.

Essa forma passiva da caridade é, talvez, muito penosa e, por isso mesmo, das mais meritórias.

Muito mais fácil é nos abstermos de ser a causa de aborrecimentos e de discórdias para outrem, do que nos conservarmos inalteráveis diante dos modos agressivos ou pouco caridosos dos nossos companheiros.

Somos, então, duplamente alvejados. De um lado, é o próximo que nos humilha e aborrece; do outro, é o nosso amor próprio que se revolta e outra coisa não deseja senão responder com represálias.

Aparentemente temos de capitular, o que é humanamente desagradável.

Que fazer, então, em tal situação?

Se não reagimos à altura, talvez o mundo nos julgue covardes ou cínicos. Se reagimos, a nossa consciência é que nos julgará como covardes, porque fomos vencidos pelo orgulho.

Opinemos pela segunda alternativa. Que o mundo nos julgue como quiser. Não somos dêste mundo altivo e orgulhoso que, apesar de vinte séculos de Cristianismo, ainda se rege pelas máximas do paganismo.

Pertencemos a uma nova era inaugurada pelo Cristo, que expirou em uma cruz, perdoando generosa e heróicamente aos seus assassinos: Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem...

Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração, disse o divino Mestre. E só se aprende estudando ou tentando fazer aquilo que se pretende aprender. Ocasões para tal é que não faltam.

O Escotismo é uma escola de aperfeiçoamento do caráter, mas, infelizmente, nem todos assimilam e outros só assimilam com muito vagar, as suas lições e doutrinas.

Tendes de ser caridosos para com êstes e, principalmente, para com os novatos, os calouros. Êstes, às vêzes, trazem para a tropa um caráter ainda muito falho.

* * *

Sêde caridosos perdoando as injúrias recebidas e reconciliando-vos com os inimigos gratuitos.

Perdoar aos que nos ofenderam gravemente, sem provocação de nossa parte e, ainda mais, sermos os primeiros a procurar a reconciliação: eis o mais penoso, o mais alto e o mais meritório aspecto da caridade cristã.

Tão nobre e elevado é êsse grau da caridade que, segundo a observação de São Gregório de Nissa, "quem o atingiu parece ter ultrapassado limites da natureza humana, tornando-se dêsse modo, semelhante a Deus, pois faz o que só a Deus pertence".

O mesmo diz São João Crisóstomo, quando pondera que "nada nos torna semelhantes a Deus como o sermos indulgentes e caridosos para com aquêles que nos ofenderam".

Lembra-nos o segundo "Livro dos Reis" que, no intuito de beneficiar a todos os descendentes de Saul — o impiedoso perseguidor que, por duas vêzes, lhe tentara roubar a vida — o grande Rei e profeta Davi perguntou certa vez: "há ainda alguém da casa de Saul, para que eu possa exercer sôbre êle a misericórdia de Deus?"

Notai bem a expressão de Davi, chamando de **misericórdia de Deus**, a extraordinária clemência que intencionava usar para com os descendentes de tão pérfido Rei.

Poderia ter dito a **minha clemência** ou **misericórdia**, ou, pelo menos, a **misericórdia dos justos**, dos santos, das pessoas de bom coração. Preferiu, porém, chamá-la de **misericórdia de Deus**, porque próprio é de Deus perdoar espontâneamente e fazer bem aos seus inimigos.

Perdoando generosa e espontâneamente aos nossos inimigos, não nos tornamos apenas semelhantes ao Pai celestial, mas adquirimos especial semelhança com o seu divino Filho feito homem, que fêz do perdão às injúrias recebidas em sua paixão, uma glória e uma lição perene.

Estudai a sua vida nos santos evangelhos e vêde como nos ministra o contínuo exemplo de sua inalterável doçura e caridade heróica.

Que grande empenho deveríamos exercer em adquirirmos tal semelhança com Deus, em nos tornarmos qual outro Deus, seguindo a expressão de Gregório, "não por natureza, mas por semelhança, não por essência, mas por participação, enquanto somos seus filhos!"

Nada mais prejudicial a uma tropa de escoteiros do que essas pequeninas inimizades, provocadas quase sempre por um nada qualquer.

Se soubéssemos estimar a importância das pequenas coisas, no bem como no mal! Quem despreza as coisas pequeninas, em breve cai nas maiores, diz o divino Espírito Santo.

A chama fugaz e insignificante de um fósforo pode tornar-se em incêndio tremendo, que nenhuma companhia de bombeiros poderia talvez extinguir.

Diante de nós está um exemplo prático. Estamos diante da grande fogueira do nosso "Fogo do Conselho" de hoje, que ilumina toda a altiplanura do nosso acampamento.

Como começou? Vós o presenciastes; com algumas centelhas saídas do atrito de duas pedras, como prescreve o nosso cerimonial.

A semente pequenina e frágil, que podeis esmagar com a ponta do bastão, pode tornar-se a árvore gigantesca que zombará da força física do homem mais robusto. Basta que fique esquecida alguns anos em um cantinho da terra boa.

Assim começou esse soberbo mangueiral que fornece sombra protetora às nossas barracas de campo, aqui instaladas desde ontem.

Assim uma pequenina inimizade não cortada a tempo, pode crescer e intensificar-se e deitar vigorosas raízes na alma, causando danos incalculáveis.

Um ligeiro capricho de criança pode perdurar pelos anos adentro e originar conseqüências desastrosas e insanáveis.

Perdoai, pois, as injúrias recebidas, sejam grandes ou pequenas, graves ou leves.

Dizia um grande bispo francês, Boussuet, que "o primeiro dom, que se há de oferecer a Deus, é um coração puro e livre de toda frieza e inimizade contra o próximo".

* * *

Não basta, porém, perdoar as injúrias. É necessário à perfeição da caridade reconciliarmos-nos com aqueles a quem fizemos mal ou que no-lo fizeram.

No primeiro caso, seria a reparação de uma injustiça; no segundo, um dever de caridade.

Não se ponha o Sol sobre a vossa ira, adverte o apóstolo S. Paulo.

E nós rezamos diariamente no Padre Nosso: perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

Se guardamos rancor contra os nossos inimigos, se não perdoamos aos nossos devedores, com

que intenções ou com que coragem ousamos rezar a oração dominical?

Como poderíamos esperar use Deus de misericórdia para conosco se somos duros e sem coração para com os que nos ofenderam?

Nem sequer seremos capazes de oferecer qualquer dom a Deus, se, antes de nos aproximarmos dos seus altares, já não estivermos reconciliados com os nossos desafetos.

A verdadeira caridade não se detém em considerações supérfluas, se foi o nosso inimigo o primeiro a nos ofender ou se tem maior culpabilidade do que nós e, por isso, deva antecipar-se em nos procurar.

Se fomos nós que ofendemos, justiça é que procuremos o ofendido. A reconciliação, por justiça, deve partir do ofensor. Se fomos o ofendido, a caridade nos manda que a iniciativa parta de nós.

Quem sabe se aquêle que nos ofendeu e se tornou nosso inimigo gratuito, não está a desejar apenas uma oportunidade para se reconciliar conosco?

Demos-lhe essa feliz oportunidade, apressando-nos em irmos ao seu encontro e façamos as pazes com largueza de ânimo, sem lhe melindrar o amor próprio, sem humilhá-lo.

Narra o filósofo pagão Séneca que, tendo Catão recebido grave injúria de um imprudente, não se mostrou ressentido, continuando, como dantes, jovial e maneiroso.

Tal procedimento levou o ofensor a cair em si e pedir-lhe desculpas.

Querendo poupar qualquer vexame ao seu agressor, respondeu Catão como se nada houvesse acontecido: "meu amigo, não me recordo de que me houvesses ofendido".

Isto revela, não há dúvida, grandeza dalma, delicadeza de sentimentos, nobreza de caráter.

Mas, antecipar-se em reconciliar-se com o inimigo de quem se recebeu afronta, é mais ainda.

É como atirar-se uma tábua de salvação ao naufrago que se debate contra as ondas do mar revôlto.

Só os egoístas, os soberbos, os de caráter mesquinho, acham nisto humilhação ou covardia e, no entanto, são legiões os que pensam e procedem dessa maneira.

Sêde caridosos, fazendo-vos tudo para todos, como fazia e aconselhava S. Paulo.

Dai ao próximo necessitado as reservas do vosso tempo, do vosso dinheiro, do vosso trabalho, da vossa dedicação e do vosso afeto. Dai, sobretudo, ao próximo que vos ofendeu o generoso perdão das injúrias.

Só assim será perfeita a vossa caridade, porque, afinal, essa virtude evangélica não se resume na tarefa negativa de evitar dissabores aos outros.

Tem o seu lado positivo de fazer o bem aos nossos semelhantes, embora hajamos de podar dolorosamente o nosso coração, espojando-o dos senti-

mentos egoístas e tendências comodistas, retemperando-o na fornalha ardente da caridade que se imola.

* * *

Sêde caridosos, porém, sem segundas intenções.

Há um provérbio que diz: faze o bem sem veres a quem. Que quer isto dizer, senão que devemos fazer o bem, exercer a caridade, sem desejo nem esperança de recompensa?

Nem mesmo a recompensa de um olhar, de um gesto, de uma palavra de louvor ou gratidão.

Se fazemos o benefício esperando, em trôco, alguma retribuição do beneficiado, estamos fazendo um negócio e não praticando a virtude da caridade.

Dizem os interesseiros que ninguém bate prego sem estôpa, isto é, ninguém presta um obséquio sem visar um interêsse qualquer.

Tal expressão não vai bem no pensamento e nos lábios de um escoteiro cristão, a não ser que esse interêsse seja o de merecer os favores divinos, exercendo a caridade como tal, como tantas vêzes a recomendou Jesus Cristo.

A caridade não é mercadoria de negócio, de troca e venda. Não é permuta de interêsses. É virtude cristã, cujo único interêsse é servir ao próximo na pessoa de Cristo ou servir a Deus na pessoa do próximo.

Amar o próximo por causa de suas qualidades naturais, por causa dos serviços que nos pode dar em retribuição, não é caridade.

* * *

Antes de Baden Powell legislar que “o escoteiro é amigo de todos e irmão dos outros escoteiros”, Jesus Cristo já havia declarado que somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai celestial, co-herdeiro do mesmo reino.

O mundo contemporâneo do Cristo estranhou semelhante afirmação que nivelava todos os homens e vinha ferir o pretenso direito do homem sobre o homem, caracterizado em tôda a sua estupidez na legislação e nos costumes romanos.

Os escritores inspirados dos nossos livros sagrados e principalmente S. Paulo — que por sinal era romano — afirmam e reafirmam mil vêzes êsses laços de verdadeira fraternidade espiritual, que devem ligar todos os homens em mútua união.

Jesus Cristo mesmo declarou categoricamente que o menor serviço ou desserviço prestado por nós ao mais humilde dos nossos semelhantes, êle o consideraria como se fôsse feito à sua própria pessoa.

Relembremos aqui uma página do evangelho de S. Mateus.

“Quando vier o Filho do Homem em sua majestade e todos os anjos com êle, então se sentará

sôbre o trono de sua majestade e serão congregadas tôdas as gentes diante dêle e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à esquerda.

Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino dos céus que vos está preparado desde o princípio do mundo..."

E qual a razão dessa recompensa tão singular? Ouvi o próprio Rei declará-la:

"...porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me recolhestes; estava nu e me vestistes; enfêrmo e me visitastes; estava no cárcere e fostes visitar-me."

Então, continua o evangelista, lhe responderão os justos, dizendo: "Senhor, quando te vimos faminto e te demos de comer; sequioso e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te demos pouxada; nu e te vestimos? Quando te vimos enfêrmo ou no cárcere e fomos te visitar?"

E, respondendo, lhes dirá o Rei: "Na verdade vos digo que tôdas as vêzes que fizestes isto a um dêstes meus irmãozinhos pequeninos, a mim o fizestes".

Eis aí, meus caríssimos escoteiros, um poderoso motivo que nos levará a sobrenaturalizar os serviços que prestarmos ao próximo e êle tornará a nossa caridade mais sobrenatural nos seus motivos

e meios de ação, mais universal na sua extensão, mais generosa e mais ativa no seu exercício.

* * *

Se, porém, êsse motivo fôr ainda insuficiente para nos determinar a praticar a virtude da caridade, então, ao menos, a nossa própria utilidade, o desejo da nossa salvação eterna, nos sirva de estímulo.

Se soubéssemos existir um bálsamo maravilhoso que encerrasse a dupla virtude de curar tôdas as enfermidades e de nos imunizar contra tôdas as doenças, não faríamos os maiores sacrifícios para adquiri-lo?

Êsse bálsamo é a caridade cristã

Praticados pelos pecadores — os enfermos da alma — livra-os da morte eterna, obtendo de Deus a graça da conversão e do arrependimento. Praticada pelos justos, serve-lhes de preventivo eficaz contra a enfermidade da alma, que é o pecado.

Encontramos a mesma doutrina exposta em outros têrmos, nos livros sagrados. Citemos alguns textos.

Em umas das suas epístolas, diz S. Pedro que o bálsamo maravilhoso da caridade tem o condão de apagar os pecados, enquanto dispõe o pecador a corresponder à graça divina da penitência e de conversão, que Deus sempre está a lhe oferecer.

Eis as suas palavras: “e sobretudo tende perseverante em vós mesmos a caridade mútua, porque a caridade cobre a multidão dos pecados, levando Deus a perdoá-los.

Essa prodigiosa força de reabilitação espiritual é própria da caridade considerada em toda a sua extensão.

A esmola, por exemplo, que é uma das modalidades dessa virtude, também a possui.

Assim, no “Livro de Tobias”, se encontram estas palavras do Anjo a esse santo varão do antigo Testamento: “dar esmolas vale mais do que juntar áureos tesouros, porque a esmola livra da morte eterna e é ela que apaga os pecados e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna”.

S. Lucas registrou no seu evangelho estas palavras de Jesus Cristo aos fariseus: “dai esmolas do que vos sobeja e todas as coisas serão puras em vós”.

Dêsse modo, recomendava o divino Mestre aos fariseus avarentos e sem caridade, a esmola como meio de adquirirem a pureza interior, tão agradável a Deus.

Como a água por sua humanidade, que é contrária ao ardor do fogo, o abafa e extingue, assim a esmola, opondo-se à malícia do pecado pela eficácia da graça, faz desaparecer a iniquidade das almas, restaurando-as na sua pureza primitiva.

É este, sem dúvida, o sentido da seguinte sentença do “Eclesiástico”: “a água extingue o fogo ardente e a esmola resiste ao pecado”.

* * *

Mas, a caridade não tem somente a virtude de “apagar a multidão dos pecados”, na expressão inspirada do apóstolo S. Pedro. Possui também a virtude de preservar a alma de toda culpa mortal.

Fortifica-a, põe-na ao abrigo da tentação e na disposição de perseverar no estado de graça.

Na verdade, escreve S. Paulo aos romanos: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor mútuo, porque aquêle que ama cumpriu a lei. . . e se há algum outro mandamento, todos se resumem nesta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor do próximo não faz o mal. Logo, a caridade é o complemento da lei”.

Não nos admiremos de que S. Paulo não mencione aqui o amor de Deus, o primeiro e maior de todos os mandamentos.

É evidente que êle o supõe, porque não é possível amar o próximo sem amar a Deus e vice-versa.

Quando o Apóstolo afirma ser a caridade a plenitude da lei, supõe certamente o amor de Deus, pois o perfeito cumprimento da lei se resume em amar a Deus e ao próximo.

Certo dia, um doutor da lei interrogou a Jesus Cristo: Mestre, que devo fazer para ganhar o reino dos céus? Por sua vez, perguntou-lhe Jesus: o que está escrito na lei? Como lêes tu?

Ao que respondeu o seu interlocutor: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento... e o teu próximo como a ti mesmo".

Respondeste bem, faze isto e viverás eternamente, observou Jesus Cristo.

Se quisermos saber por que a caridade tem a virtude de conservar a vida espiritual no tempo e a vida imortal na eternidade, inquiramos do discípulo amado a razão.

"Se nos amamos uns aos outros", diz êle, "Deus permanecerá em nós." E ainda insiste, aqui e acolá, em pensamentos como êstes: "aquêle que permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nêle... Se alguém disser que ama a Deus e odeia ao seu irmão é mentiroso... Quem ama a Deus há de amar também o seu irmão... Se Deus nos teve tanto amor, devemos também amarmo-nos uns aos outros... A mensagem que ouvistes desde o princípio diz assim: Amai-vos uns aos outros... Nisto conhecemos o amor de Deus: deu a sua vida por nós. Assim devemos também nos dar a vida pelos nossos irmãos... Quem possuir bens dêste mundo e, vendo seu irmão sofrer necessidade, lhe cerra o coração, como pode habitar nêle o amor de Deus?... Êste é o seu mandamento: que creiamos em nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, como êle nos ordenou... Quem afirma estar na luz e odeia a seu irmão, êsse ainda continua em trevas. Quem ama a seu irmão per-

manece na luz e não há em que tropece. Quem, pelo contrário, odeia o seu irmão, está em trevas e em trevas vai caminhando, nem sabe aonde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos..."

Eis aí, meus bons escoteiros, outro motivo bem poderoso, que nos levará a praticar a excelsa virtude cristã da caridade evangélica.

* * *

Afirmou Jesus Cristo que não veio ao mundo para ser servido, mas para servir.

E, na realidade, a sua vida se consumiu toda em servir aos homens, para lhes salvar as almas.

Servir e servir sempre desinteressadamente era o seu lema. Servir dessa maneira, já vo-lo disse, é também o lema do Escotismo.

Servir desinteressadamente, sem esperar retribuição. Insisto nessa particularidade.

Muito significativa é aquela proibição feita por Baden Powell aos seus escoteiros, de não aceitarem gorjetas ou gratificações pelos benefícios e favores prestados ao próximo.

Volvi o pensamento para o Evangelho e considerai o exemplo deixado por Jesus Cristo.

Nunca esperou, nunca recebeu e nunca exigiu recompensa pelos benefícios sem conta feitos a quantos dêle se acercavam.

Curou os cegos, restituiu o movimento aos paralíticos, fêz que os surdos ouvissem e os mudos falassem, fêz voltar a saúde a doentes incuráveis,

saciou a fome das multidões, sarou as feridas secretas dos grandes pecadores, ressuscitou mortos já a caminho de sepultura ou já sepultados.

Todavia, êle, que necessitava de discípulos e apóstolos e de auxiliares em suas jornadas apostólicas, de nenhum exigiu ao menos que o acompanhasse.

Não era natural, por exemplo, que chamasse para o auxiliar no ministério do seu apostolado o filho da viúva de Naim ou Lázaro, irmão de Maria e Marta, por êle arrancados às garras da morte?

Não o fez, porém.

A verdadeira caridade, isto é, a bondade em exercício, é assim. Não espera nem exige retribuição. Faz o bem sem ver a quem, como o bom Samaritano.

É universal, isto é, estende-se a todos os que têm necessidade de alguma coisa.

É como a bondade dessas abnegadas irmãs de caridade, as filhas de S. Vicente de Paulo, que se internam nos hospitais até o fim da vida, para se dedicarem anônima e heróicamente ao serviço de enfermos que jamais conheceram.

Quando a bondade habita um coração, abre-o tão largamente, que envolve o mundo inteiro.

Antes de Jesus Criso, a caridade dos judeus era egoísta e limitada aos filhos de Abraão. Nosso Senhor veio ensinar que essa espécie de caridade era imperfeita e deveria abranger todos os homens.

Não vim para destruir a lei antiga, mas para aperfeiçoá-la, disse êle.

O escoteiro deve ser caridoso à maneira de Jesus Cristo e não como os judeus egoístas. Bom para os bons e bom para os maus.

Quanto não ganharia o Escotismo no conceito dos homens, se se pudesse aplicar a cada escoteiro essa observação de São João Crisóstomo: "há vários sinais pelos quais se pode reconhecer um cristão, mas os sentimentos de caridade mútua são os sinais mais evidentes e mais seguros!"

* * *

A caridade é como um Sol. Um Sol que rompe as pesadas nuvens dos tempos invernosos e surpreende a natureza fria e meia acabrunhada.

Mas, apenas se descobre o seu disco luminoso no firmamento, logo tôda se aquece e parece alegrar-se a natureza.

Como o Sol, a caridade ilumina e aquece as almas. Rompe as espêssas nuvens do nosso egoísmo e envia luminosos raios de alento e de vida a quantos se acham acabrunhados de dores físicas e morais.

Mas, à semelhança dos raios solares que descem indistintamente sôbre todos os lugares limpos ou imundos, sem se contaminarem, a caridade irradia sôbre todos, sôbre os bons e sôbre os maus, os seus benefícios, sem nada perder do seu valor.

Mais ainda: leva a luz e a alegria às almas tenebrosas ou atribuladas.

Pousando sôbre os charcos estagnados, em vez de se corromper, o raio solar purifica e higieniza o ambiente.

A caridade exercida em favor dos que sofrem no corpo ou na alma, lhes purifica o coração dos desânimos nocivos e lhes aumenta o poder de resistência.

Viver é lutar e sem resistência não se pode lutar. Para viver bem, é necessário saber lutar varonilmente contra uma porção de agentes internos e externos, que tentam enegrecer a vida.

A caridade é fonte perene de resistência para aquêles que, no meio das suas amarguras, recebem a suavidade e a doçura da sua influência benéfica.

Se os bons fôsem mais dedicados à caridade, não haveria tantos maus e tantos vencidos, tantos desajustados e tantos revoltados porque a eloquência muda dessa rainha das virtudes é argumento dos mais fortes para a regeneração dos maus e estímulo dos mais poderosos para a fortaleza dos fracos.

Sêde, portanto, os pequeninos e valorosos apóstolos da caridade cristã.

Guardai, por tôda vida, na urna sagrada das vossas reminiscências, essas palavras de orientação e de conselho do vosso Assistente Eclesiástico, nesse último **Fogo do Conselho** dêsse acampamento.

Aí está a crepitar, em labaredas vigorosas, a fogueira simbólica.

Ainda há pouco, o frio e as trevas da noite envolviam o planalto desta serra, onde estamos acampados.

Acendeu-se, porém, a lenha do **Fogo do Conselho** e um clarão intenso está iluminando e aquecendo o planalto.

Eis um símbolo da virtude de que vos hei falado. A caridade é assim: um fogo que não destrói nem mata, antes ilumina e aquece, desfazendo ou amenizando as trevas da tristeza e do desalento, no coração dos que a praticam e no daqueles que são o objeto das suas solitudes.

Sêde caridosos.

A SIMPLICIDADE

SÊDE SIMPLES

O Escotismo bem compreendido e bem praticado é o melhor sistema de educação para a formação da juventude.

Escola de educação integral, que abrange o homem todo, educando-o física, intelectual e moralmente e tendo a Religião como base do sistema educativo, o Escotismo dedica especial solicitude à formação moral da infância e da juventude.

Ninguém lhe pode negar ou obscurecer essa glória tantas vêzes comprovada pelos fatos.

Ora, a formação do caráter exige um complexo de virtudes e de finalidades morais indispensáveis. Entre estas está, sem dúvida, a simplicidade.

Bem sabemos que, nos costumes modernos, vai rareando cada vez mais essa virtude cristã.

A duplicidade, a dissimulação, o fingimento, a hipocrisia das atitudes, todo esse conjunto artificial que se batiza elegantemente com o nome de "conveniências sociais", vai se senhoreando dos hábitos contemporâneos.

Já vão muito longe os tempos invejáveis da cavalaria antiga.

Não sei se já observastes como o fundador do Escotismo, o vosso grande mestre Baden Powell, in-

siste mil e mil vezes em apresentar os membros da cavalaria como modelos do bom escoteiro.

Fazia questão cerrada de transmitir aos seus escoteiros aquilo que êle chamava de "espírito da cavalaria".

No seu manual do escoteiro, depois de enumerar as leis que constituíam o código da cavalaria, chegou mesmo a afirmar: "tais são as leis observadas pelos cavaleiros; delas derivam as leis dos escoteiros".

Os cavaleiros antigos hierarquizavam o dever acima de tudo e a simplicidade e lealdade eram para êles ponto de honra e a sua aplicação na vida prática, um dever sagrado.

Nos tempos de hoje, quando a dissimulação vai penetrando nos meios mais seleccionados e banindo dos sentimentos a sinceridade das relações sociais, com processos capciosos e falsas máximas, os escoteiros, como diligentes herdeiros do espírito da cavalaria, devem cultivar com esmêro a virtude da simplicidade.

Aos tempos modernos podemos aplicar as seguintes palavras de S. Gregório aos sábios e hábeis do seu tempo: "gostam de ocultar os seus sentimentos sob exterioridades enganosas, de velar os seus pensamentos com a hipocrisia da linguagem, de fazer passar por verdadeiro o que é falso e por falso o que é verdadeiro, de ambicionar as honras e procurar a vanglória.

"A simplicidade, continua S. Gregório, não passa de uma loucura, no seu modo de pensar, porque

não sabe fingir nem dissimular, porque fala como pensa, porque, em tudo, age sem falsidade".

* * *

Certa vez, em uma conversação por ocasião de uma visita, palestrávamos eu e outras pessoas, quando alguém se saiu com esta: o êxito de tudo e em tudo na vida de hoje depende só e exclusivamente da habilidade em sabermos dissimular, acomodando-nos passivamente a todos os ambientes.

Linguagem de político de aldeia e verdadeiramente indigna de um cristão!

Vêde como andam mal os nossos tempos, ou antes, os nossos homens! Que tempos e que costumes!

É realmente lamentável que uma falsa máxima como essa sirva de norma aos homens do nosso tempo.

Nem se diga que seria universalizar o particular, pois, infelizmente, não se trata de uma opinião isolada.

Se observarmos um pouco a sociedade, com as suas sinjustiças e os seus desassossegos, com as suas revoltas e os seus desesperos, teremos a convicção de que muito elevado é o número de quantos assim pensam e agem.

O mundo é dos mais espertos, ouvimos dizer frequentemente. Que significado tem essa afirmação, senão o mesmo que a máxima daquele senhor, de quem vos falei acima?

Vós, escoteiros, sabeis que êsse é e não pode ser o vosso caminho. Longe de vós a glorificação da falta de sinceridade, da hipocrisia, do fingimento, da duplicidade, da deslealdade.

Roteiro bem diverso vos apresenta a Lei escoteira. Eis os dois primeiros artigos do vosso decálogo: "o escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais do que a própria vida... o escoteiro é leal".

A sua lealdade se corporifica, por assim dizer, em ações, refletindo-se claramente em sua palavra, dignificando e valorizando-lhe a personalidade.

Sem isto, ser-lhe-ia preferível não viver.

* * *

A simplicidade é gêmea da lealdade, porque uma e outra excluem qualquer artifício e calculismo.

Ser simples é ser leal e sincero em tudo, é ter uma só palavra, uma palavra de sim, sim e não, não, que realmente seja a expressão do pensamento e não um disfarce.

Narra o evangelista S. João que, tendo sido escolhido por Jesus para o apostolado, Felipe encontrou um dia o seu amigo Natanael e lhe disse: "encontramos aquêle de quem escreveram Moisés e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José".

Conhecendo o péssimo conceito em que eram tidos os nazarenos, Natanael foi logo dizendo, sem

rodeios: de Nazaré pode sair alguma coisa que preste?

Nosso Senhor, em vez de se sentir magoado com a franqueza indelicada de Natanael, elogiou-o, porque foi sincero, não mentiu e, com simplicidade, disse o que pensava, embora tivesse sido um tanto precipitado e imprudente em fazer ostensiva aplicação de tal fama a um desconhecido e a um desconhecido que, segundo a declaração de Felipe, era o próprio Messias.

Qualquer de nós teria talvez estranhado tal atitude intempestiva e protestado com ressentimento contra semelhante juízo a nosso respeito.

Êsse episódio vem narrado no evangelho de S. João. Lembrar-vos-ei outros textos da Sagrada Escritura, pelos quais podemos avaliar a estima de Deus pelas almas simples.

Lê-se no livro dos "Provérbios" que a vontade de Deus está com as almas simples, ama-as e lhes reserva especial proteção.

Em um dos "Paralipómenos", diz o Espírito Santo que, sob a proteção particular de Deus, essas almas andam em completa segurança.

Escrevendo aos cristãos de Éfeso e de Corinto, S. Paulo tece excelente elogio à simplicidade praticada na "obediência, nos deveres de estado, nas relações para com o próximo".

O próprio Jesus Cristo, cuja vida é permanente exemplo de simplicidade, a aconselhou de modo formal, quando disse: sêde simples como a pomba.

De outra vez, declarou: se o teu olho é simples, todo o teu corpo será puro.

Se quiserdes, portanto, ser bons escoteiros, tendes de praticar a virtude da simplicidade, porquanto sois escoteiros católicos.

O Escotismo e a Religião vo-lo ordenam. É um preceito de Baden Powell, fundador do Escotismo, e de Jesus Cristo, fundador da vossa Religião.

Como escoteiros, prometestes, no dia solene da vossa investidura, observar o decálogo escotista. Como católicos, prometestes, no dia inesquecível da renovação das promessas feitas no batismo, observar todo o decálogo do Sinai e tudo o que vos manda a Santa Madre Igreja.

Tendes uma só palavra e essa palavra, empenhada em circunstâncias tão solenes, memoráveis e decisivas, há de ser cumprida, sob pena de não serdes nem bons escoteiros e nem bons católicos.

Lembra-vos sempre de que "o escoteiro tem uma só palavra", já em razão do decálogo de Baden Powell, em razão do preceito do divino Mestre, que disse: seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não.

* * *

Não sei de idade mais propícia à simplicidade do que a vossa. A infância não tem as maliciosas preocupações do artifício e do fingimento. A juventude não tem, geralmente, o cálculo vicioso de aparentar o que não é. É o clima natural da simplicidade.

Aí está, sem dúvida, uma das razões por que Jesus Cristo sempre reservou particular predileção aos da vossa idade.

Certa ocasião, o divino Amigo das crianças chegou mesmo a dizer aos seus discípulos, que se não tivessem a simplicidade e a candura de um menino, não seriam dignos de entrar no reino dos céus.

Assim disse êle: se vos não tornardes semelhantes a uma criança, isto é, humildes e simples como uma criancinha, não entrareis no reino dos céus.

Em outra ocasião, se expressou desta maneira: não desprezeis um só dêsses pequenos, porque, em verdade vos digo, os seus anjos vêm incessantemente a face do meu Pai que está nos céus.

Certamente já lêstes ou ouvistes muitas vêzes, no vosso lar, na escola e no catecismo, a narração daquela cena encantadora, quando Jesus Cristo, moderando o zêlo intempestivo dos Apóstolos, os censurou, porque queriam afastar os meninos que o procuravam.

Embora muito fatigado dos exaustivos labôres daquele dia, não se quis privar da companhia irrequieta daquela meninada.

Disse, então, aos apóstolos: deixai que as criancinhas venham a mim e não as estorveis, porque o reino dos céus lhes pertence.

Por que essa preferência tão acentuada e tão constante pelos meninos, ao ponto de insistir em declarar a sua idade a mais digna do reino dos céus?

Por que, senão por causa da inocência e da simplicidade das crianças?

Não quer isto dizer que os meninos não tenham também os seus defeitos, as suas fraquezas, os seus caprichos e as suas imprudências, aliás, de certo modo, desculpáveis em sua tenra idade.

Mas, até nos seus caprichos e imprudências são simples, leais, sinceros. Não sabem dissimular, não usam de fingimento.

As suas palavras e ações revelam o que elles são, como o vidro de cristal mostra, tal qual como é, o líquido turvo ou límpido que contém no seu bôjo transparente.

Conservai a simplicidade própria da vossa idade privilegiada, êsse encanto natural que vos torna tão apreciados dos homens e tão estimados de Deus.

* * *

Infelizmente o mau exemplo dos companheiros mais velhos, o mêdo, a vaidade, o respeito humano, podem influir na quebra da simplicidade e vos tornar reservados e insinceros.

Disse-me uma vez o chefe de uma tropa que a coisa pior em uma tropa era um escoteiro sonso, daqueles que dão o bote e escondem a unha.

Sabeis muito bem o que significa essa palavrinha. Sonso é sinônimo de dissimulado e manhoso. Com maior freqüência do que se pensa, é encontrada nas escolas, nos lares e até nas tropas escoteiras, a classe dos sonsos.

Alguns até se revelam mestres exímios na arte de dissimular. Têm um jeitinho, todo seu, de enganar os professôres, os pais, os chefes e monitores, os companheiros de tropa e patrulha.

Em presença dos superiores, são uns santinhos; na ausência, parecem demônios-mirins ocupados e preocupados em comprometer a disciplina. Como a ferrugem vai, a pouco e pouco, estragando o ferro, num trabalho silencioso e imperceptível, assim êsses meninos vão influindo maléficamente no ânimo dos demais, que, sem o perceberem, muitas vêzes, lhes vão assimilando os maus costumes.

Que nenhum de vós esteja incluído nessa classe tão indesejável quão perniciosa.

* * *

Tende, porém, o cuidado de evitar o excesso contrário. Nem tolos, nem espertos demais.

A sinceridade deve andar sempre **em forma**. Com a discrição, na mesma **cadência**, de **passo certo**, como dizemos quando nos referimos a um exercício de **ordem unida**. O **passo retardado** ou **precipitado**, além de quebrar a cadência, mutila a uniformidade de movimentos da marcha.

Diz um provérbio antigo que nem tôda verdade se diz. O silêncio, que, muitas vêzes, é o refúgio da covardia e da maldade, em certas ocasiões, é ouro de lei.

O Espírito Santo nos adverte, nas Sagradas Escrituras, que para tudo há o tempo oportuno.

Há circunstâncias em que o silêncio é um dever e outras há em que o silenciar se torna um crime. Há tempo de falar e há tempo de calar.

Se a vossa intenção é reta, a consciência vos fará discernir, com facilidade e segurança, o oportuno e o inoportuno dessas circunstâncias.

Sêde simples, sinceros, francos, mas, ao mesmo tempo, discretos e prudentes.

Quando Jesus Cristo disse: "sêde simples como a pomba", acrescentou imediatamente: "e prudentes como a serpente".

Já se disse que falar com sinceridade sobre assuntos que deveríamos calar, é faltar à prudência, à honestidade e, muitas vezes, à caridade.

* * *

Não confundais a simplicidade com a parvoíce, a imbecilidade, a tôla ingenuidade daqueles que não têm personalidade.

Há meninos bobos, sem vontade, sem iniciativa, sem opinião própria, de atitudes singularmente ridículas.

Sem dúvida, a simplicidade evangélica, aconselhada pelo divino Mestre, jamais poderia identificar-se com essa pobreza de espírito, que denuncia completa ausência de formação do caráter, quando não é efeito de certo desequilíbrio mental.

Um educador dos nossos tempos parece referir-se a essa indigência de pensamentos e de caráter, quando escreve:

"Há, certamente, uma simplicidade imbecil, que não prevê nem adivinha as coisas essenciais ou úteis à vida; uma simplicidade crédula, que bebe o absurdo como a água; que é objeto dos gracejos dos menos tolos e, quando voltada para a devoção, faz cair o desprezo sobre as coisas santas.

Essa simplicidade incapaz faz o desespero dos educadores porque é mais comum do que se pensa".

Melhor seria nem se desse o nome de simplicidade a semelhante deformação do caráter.

Sêde simples, mas não sejais tolos e imbecis.

O Escotismo visa a formação integral do vosso caráter. Tarefa que se não pode concluir apressadamente e sem o concurso da vontade própria.

A simplicidade não destrói a personalidade, antes a aperfeiçoa. Adquirir e fixar personalidade sem vontade própria é coisa impossível.

Não sejais como palhetas de um catavento, que se movem para este ou aquêle quadrante, ao impulso dos ventos.

Habituai-vos a exercer a faculdade de querer. Exercei-a, porém, disciplinando-a, ordenando-a, educando-a.

Um menino não deve pensar e querer tudo o que lhe vem ao desejo. Há de se guiar pelos seus superiores.

Quando falo, portanto, em vontade própria, não estou a aconselhar êsse espírito de independência e de indisciplina, tão nocivo aos indivíduos e à coletividade e, infelizmente, tão comum aos tempos irrequietos de hoje.

Tal conselho seria para deseducar e não educar a vontade, seria para deformar e não formar o caráter.

Não se doma e educa um animal selvagem deixando-o solto e livre em meio à floresta virgem, mas obrigando-o a contrariar os seus instintos naturais de liberdade e independência.

Não é muito diverso o processo para domesticar o animal humano, nas suas qualidades específicas — a inteligência e a vontade.

As roseiras se tornam mais viçosas e dão flores mais lindas, quando, podadas em tempo, se descarregam dos galhos inúteis que lhes roubam ou desperdiçam a seiva.

Assim o caráter. Torna-se mais robusto e mais fecundo, quando a vontade, em tempo oportuno, sofre a poda no que tem de imperfeito.

O tempo oportuno é êste, é o da juventude e da infância, é a vossa idade. Com a máxima facilidade, qualquer criança pode retificar o caule delicado de uma plantinha de pouco tempo. Deixai-o, porém, crescer e engrossar torto e, anos depois, nem o machado, nas mãos do mais robusto dos homens, poderá lhe tirar as voltas.

O essencial é educar a vontade. Até para obedecer é indispensável ter vontade própria: a von-

tade de querer com firmeza, de dominar-se, de submeter-se aos superiores.

* * *

Sêde simples, evitando a tolice ingênua dos que não têm vontade, mas estai atentos para não cairdes no outro extremo.

Sabei discernir entre a imbecilidade e a simplicidade, mas sabei também que não é somente por deficiência que se falta a essa virtude.

Peca-se também por excesso, isto é, por orgulho, vaidade e presunção.

Entre os da vossa idade, muitos há que procuram singularizar-se, tomando certa pose, certos ares de superioridade, afetando-se no modo de falar, de vestir, de andar, nos jogos e nos recreios.

O seu orgulho incipiente tem indústrias e habilidades espantosas.

Em tudo querem ser os primeiros, impor as suas opiniões, as suas veleidades, os seus caprichos.

Sofrem intimamente pelo êxito e iniciativas dos seus companheiros.

Só êles sabem cumprir bem as missões que lhes confiaram e possuem o que há de melhor. Criticam de tudo e de todos.

Nem os mestres, nem os catequistas, nem os monitores e o chefe da tropa escapam às suas maliciosas observações.

Ora assumem a atitude de censores, ora de babiladores. Ora ocultam ou diminuem calculada-

mente as virtudes alheias, ora aumentam os defeitos dos outros.

Abstende-vos dessa falta de sinceridade e sêde escoteiramente leais para com todos. Evitai e combatei o amor próprio, que procura nivelar ao verdadeiro plano as boas qualidades do próximo, para fazer crescer e aparecer a sua pretensa superioridade.

Nenhum vício mais em oposição à simplicidade de cristã, do que a vaidade, o orgulho e a presunção. Mas, infelizmente, somos tão inclinados a essas fraquezas que "bem poucos se apercebem da realidade da vida, da inanidade das demonstrações de superioridade e têm senso bastante para não se perder em preocupações personalistas, que são ridículas em uns e dignas de piedade noutros".

São êsses três sentimentos, escreve R. Kehl, reflexos de fraqueza, estultice e mesmo demência, que vêm arrastando os homens no lodo da indignidade e da miséria social, gerando ambições, discórdias, hipocrisias e crimes.

Pela defesa de um orgulho mórbido, contínua, quebram-se amizades ou cometem-se delitos; por uma vaidade tôla, arrasta-se um indivíduo à abjeção de uma venalidade ou de uma baixeza; por uma presunção idiota, tornam-se ridículos, fátuos e desprezíveis, muitas vêzes, indivíduos inteligentes e cultos que não sabem ou não podem compreender "que quando o orgulho e a presunção caminham adiante, a vergonha e o dano seguem-nos bem de perto".

Resumamos esta palestra em poucas palavras.

Sêde simples, bem intencionados, sinceros e leais. Agi sempre com reta intenção, sem as astúcias dos hipócritas e dissimulados, sem a passividade dos imbecis e sem a arrogância dos soberbos.

Aliai, porém, à simplicidade, a prudência e a discrição. Não se diz tudo o que se pensa ou se ouve, antes, se deve pensar sempre o que se diz. Tudo tem o seu tempo oportuno.

Quero terminar, deixando-vos como lembrança uma página admirável de um grande educador francês, educador e bispo, sôbre a virtude da simplicidade. Ei-la:

"A simplicidade não é uma compressão nem um estôrvo, mas a libertação de tudo o que é falso, incerto, dissimulado, equívoco e calculado.

Não exclui as visões largas, mas condena as intenções desleais. Não impede os sonhos do futuro, mas se conduz pelos caminhos retos que levam a êsses projetos.

Não limita a vida a esta ou àquela função, mas renuncia às honras que se adquirem por processos desonestos.

Ama e estima a glória, mas a virtude lhe merece melhor aprêço. Goza da alegria, mas suporta a dor sem covardias.

Tem coragem na luta, mas é modesta no triunfo. Indigna-se contra a injustiça, mas é compassiva para com a fraqueza alheia.

Reconhece o seu direito e o reivindica no momento oportuno, mas sabe sacrificá-lo, com prazer,

quando a caridade pode tirar melhor proveito dêsse sacrificio.

O homem simples é justo, sábio e grande. Despojou-se do orgulho, sem perder algo de sua força moral. Refreiu a cólera e conservou a dignidade e a indulgência.

O homem simples não tem dois caminhos, um para alguns e outro para os demais, isto é, não tem dois pesos e duas medidas.

É sempre fiel ao pensamento interior que o anima. É sempre o mesmo, quer aos olhos dos homens, quer aos olhos invisíveis de Deus.

Tem a mesma disposição de ânimo, a mesma serenidade, sejam quais forem as circunstâncias.

* * *

E aqui termino, meus caros escoteiros, a minha palestra dêste "Fogo do Conselho".

Que as minhas palavras, ditas com simplicidade escoteira, neste sítio onde tudo nos fala da encantadora simplicidade com que Deus criou e conserva a natureza, vos sirvam de conselho e de estímulo no diligente cultivo dessa virtude evangélica: a simplicidade pregada e praticada pelo vosso divino modelo: Jesus Cristo.

Sêde simples.

A PRUDÊNCIA

SÊDE PRUDENTES

Deveis estar lembrados de que, falando-vos da simplicidade, por ocasião do nosso último "Fogo do Conselho", vos mostrei a necessidade de andar sempre essa virtude **em forma** com a prudência.

Aliai à simplicidade a prudência e a discrição, vos disse eu. Não fiz mais do que repetir o conselho do divino Mestre.

Na verdade, quando Jesus Cristo preceituava aos seus discípulos "sêde simples como a pomba", acrescentou imediatamente "sêde prudentes como a serpente".

Era como se dissesse: sêde prudentes na simplicidade e simples na prudência.

A serpente tem a prudência de se ocultar sob a folhagem e de calcular o seu bote sobre a vítima. Mas tem o seu veneno fatal. A sua precaução é prudência, mas a sua intenção em se precaver é venenosa.

Jesus Cristo no-la apresenta como modelo da prudência, mas ao acrescentar ao **sêde prudentes como a serpente** o **sêde simples como a pomba**, parece advertir-nos de que devemos extrair-lhe o veneno da má intenção.

Parece dizer-nos: substituí-o pela reta intenção da simplicidade... da simplicidade da pomba, que não tem o veneno da astúcia.

Talvez seja interessante observar que a serpente é o primeiro animal designado individualmente nas Sagradas Letras. É-o, porém, para ressaltar a sua astúcia e o mal incalculável que, por seu ministério, se apoderou da humanidade.

Efetivamente, o terceiro capítulo do primeiro livro da Bíblia começa dêste modo: "mas a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra, que o Senhor tinha feito".

Em seguida, o historiador sagrado do "Gênesis", passa a descrever, com pormenores cuidadosamente enunciados, em que deu essa astúcia da serpente: a queda do gênero humano.

E pela primeira vez, no mundo ainda infante, foi ouvida a voz do Deus onipotente a proferir a primeira maldição de que dá notícia a história da humanidade.

Caiu ela diretamente sobre a serpente: "Pois que fizeste isto, és maldita entre todos os animais e béstas da terra; andarás de rastro sobre o teu peito e comerás terra todos os dias da tua vida".

Assim está no primeiro livro de Moisés.

Outra vez nas Santas Escrituras, no livro dos "Números", se fala individualmente da serpente, mas para fazer sobressair os males que causou ao povo de Deus, "causando chagas e mortes em muitos" israelitas.

Da primeira vez, no "Gênesis", a serpente serviu de instrumento ao demônio para perder o gênero humano.

Da segunda vez, no livro dos "Números", serviu de instrumento nas mãos de Deus para castigar a rebeldia do seu povo.

Em ambas as ocasiões, aparece a serpente para flagelo da humanidade.

Ora, sendo a serpente o único animal amaldiçoado diretamente por Deus, sendo ela o objeto particular da primeira maldição divina e só aparecendo nos livros sagrados como agente nocivo aos homens, dá que pensar o fato de Jesus Cristo apresentá-la como modelo de uma virtude.

Parece muito natural que fizesse o mesmo com a pomba, que, depois do dilúvio, aparece como símbolo da paz entre Deus e os homens e, em outras passagens da Escritura, como símbolo do Espírito Santo e da inocência. Mas... com a serpente!...

Todavia, como nivelando no mesmo plano a pomba e a serpente, disse Jesus Cristo: sede simples como a pomba e prudentes como a serpente.

Não esqueçamos, porém, que a serpente era tida proverbialmente entre os antigos como símbolo da prudência.

Imitemos a sua prudência e evitemos a sua astúcia perigosa e nociva.

Do mesmo modo por que Jesus Cristo louvou, em uma das suas parábolas, a prudência do ecônomo infiel, assim apresenta êsse reptil amaldiçoado como modelo de prudência.

Porque, afinal, ninguém pode negar a prudência e a precaução da serpente, como ninguém negaria o espírito da prudência do ecônomo infiel.

A êste não louvou o divino Mestre a má administração e àquela os males que causou.

Ambos são prudentes no seu gênero e a sua habilidade, e não as intenções, é que é digna de imitação.

A reta intenção, em nosso caso, seria a simplicidade. E esta há de andar sempre com a prudência.

Por isso, é que eu vos dizia: quando Jesus Cristo exclamava "sêde simples como a pomba e prudentes como a serpente", era como se dissesse: sêde prudentes como a serpente, mas extraí dela o veneno... o veneno da má intenção e substituí-o pela reta intenção da simplicidade da pomba, que não tem o veneno da astúcia.

De um caso único nas Escrituras sei eu, no qual aparece a serpente para fazer bem aos homens.

E é interessante notar que aí aparece a serpente como símbolo, inanimada, sem veneno.

Quando, vendo as feridas e as mortes causadas nos seus irmãos, pediram os israelitas a Moisés que rogasse a Deus desaparecessem as serpentes mortíferas, ordenou o Altíssimo a Moisés fizesse uma serpente de bronze e a colocasse no acampamento como sinal.

Assim lemos no livro dos "Números": "E Moisés orou pelo povo e o Senhor lhe disse: Faze uma serpente de bronze e põe-na por sinal; aquêle que,

sendo ferido, olhar para ela, viverá. Moisés fêz, pois, uma serpente de bronze e pô-la por sinal, e os feridos que olhavam para ela ficavam sarados".

Tiremos a conclusão a que desejava eu chegar com essa digressão.

Assim como a serpente munida do seu veneno mortífero sempre produz mal aos homens, assim também a prudência envenenada pela má intenção deixa de ser uma virtude cristã e se torna um vício, produzindo mal para quem a pratica e para o objeto dessa prática nociva.

A prudência cristã, primeira virtude cardeal, há de ser guiada pela reta intenção, em sua simplicidade evangélica: "sêde simples como a pomba e prudentes como a serpente".

* * *

A prudência sem a simplicidade é egoísta e malfazeja. É como a serpente com veneno.

É egoísta como a serpente, que tem a prudência de se não expor, de se ocultar... mas para não ser molestada.

É malfazeja como a serpente, que calcula a distância do salto mortífero... para picar e envenenar a presa.

A pombinha a ninguém ofende e não tem a deslealdade de atacar, nem muito menos de atacar de surpresa.

Da serpente fogem todos, e da pombinha ninguém se afasta. Da serpente, porque não é simples, é desleal. Da pomba, porque não é desleal, é simples.

Se a serpente não fôsse venenosa, ninguém fugiria dela, porque seria inofensiva.

Os israelitas fugiam aterrorizados das serpentes venenosas, que lhes vinham trazer a morte. Mas se aproximavam da serpente sem veneno, da serpente de bronze feita por Moisés, que nenhum mal lhes fazia, antes os preservava da morte.

Se a prudência de muitos não tivesse o veneno da hipocrisia e do cálculo mal-intencionado, talvez o Cristo tivesse dito simplesmente: "sêde prudentes como a serpente", sem ajuntar o "sêde simples como a pomba".

* * *

Quando vos falei da simplicidade, um amigo meu, que não é escoteiro, mas assistiu ao "Fogo do Conselho", me veio depois com a seguinte observação.

"Se a simplicidade exclui a dissimulação e o fingimento, de tal modo que o homem simples fala e age como pensa, como se pode conciliá-la com a prudência e a discrição? Como se pode ser, ao mesmo tempo, simples como a pomba e prudente como a serpente?"

Francamente, não sei qual o conceito que fazia o meu amigo a respeito da prudência e da discrição. A seu ver, simplicidade e prudência são termos que se excluem, se não contraditórios, ao menos, contrários.

Ser simples seria a mal-entendida sinceridade de se dizer **tudo** o que se pensa, sem qualquer consideração de pessoa, tempo e lugar

Ser prudente e discreto seria a arte de faltar à sinceridade de certas circunstâncias, como se o não falar e o não agir em determinadas ocasiões fôsem hipocrisia e dissimulação.

Ora, nem a prudência consiste nisso, como veremos, e nem a simplicidade naquilo, como já vimos.

* * *

De modo geral, poderíamos considerar a simplicidade como a virtude da sinceridade em tôdas as coisas, com exclusão da hipocrisia e da dissimulação, da afetação e da vaidade em se apresentar o que se não é ou mais do que se é.

A prudência é a virtude intelectual que indica à vontade o que se deve fazer ou evitar para bem agir em determinada circunstância.

Se o homem simples é sincero e franco, deve ser igualmente prudente e discreto.

A simplicidade que não é dosada com a prudência, a franqueza que não é regulada pela discrição, é responsável pela maior parte dos males que afligem a humanidade.

Se a simplicidade manda agir sempre com sinceridade, a prudência prevê e previne as consequências da ação, manda ser previdente.

Nem tôda a verdade se diz. Nem tudo o que é bom ou útil é oportuno. Tudo tem o seu tempo apropriado.

Há muitas coisas boas e úteis que, ditas ou realizadas fora de tempo, em ocasião inoportuna, se tornariam nocivas e más.

A formação de bons monitores, por exemplo, é cuidado dos mais graves para os chefes escoteiros.

Sabe-se, e a experiência diária continua a ensinar, que sem bons monitores tanto as patrulhas como a tropa tendem a fracassar.

A atenção dos chefes nunca se desviará dos seus monitores, embora lhes deixem plena e inteira responsabilidade no seu campo de ação, dentro da patrulha.

Mas seria desaconselhável ao chefe repreender ou corrigir, diante da própria patrulha, o monitor que faltasse a algum dever.

Há de fazê-lo em outra ocasião, particularmente ou no conselho de monitores, e não em presença dos seus subordinados, a fim de o não diminuir em sua autoridade. Do contrário, ficaria o monitor sem fôrça moral para conduzir a sua patrulha.

O homem prudente nunca agirá sem estudar o ambiente, as circunstâncias de tempo, lugar e pessoas.

Nem se pode qualificar de prudente aquêle que não sabe discernir e aplicar oportunamente os meios adequados para se chegar a determinado fim.

E nesse sentido lato, a prudência quase se identifica com o espírito de previdência, que calcula antes de agir.

Calcula o pró e o contra, as vantagens e as desvantagens, as possibilidades de êxito e os perigos de fracasso e, entre os meios a empregar, escolhe os mais viáveis, omite os menos seguros e condena os que, por isso ou por aquilo, possam prejudicar a finalidade desejada.

* * *

Já os filósofos antigos entendiam por prudência a habilidade do homem em conhecer os seus interêsses relativos a êsse mundo, em prever os perigos para o futuro e evitar tudo o que lhe possa causar dano.

Claro é que se trata aqui da prudência meramente humana, que pode ser boa ou má, conforme os seus intentos.

A prudência — primeira das virtudes cardeais — se move em outra esfera mais elevada e sobrenatural.

Na parábola do ecônomo infiel, Jesus Cristo fêz distinção formal entre a prudência dos “filhos do século” e a dos “filhos da luz” e adverte que aquêles são mais espertos do que êstes.

Escrevendo aos romanos, o grande apóstolo S. Paulo fala da prudência da carne, que é inimiga de Deus.

E, dirigindo-se à cristandade de Corinto, observa que não raramente os mais prudentes e capazes

para os negócios dêsse mundo são os mais cegos e temerários quando se trata da salvação.

A prudência cristã aconselhada nos evangelhos é aquela que prevê e previne tudo o que poderia prejudicar a nossa salvação e a do nosso próximo e, conseqüentemente, procura empenhar-se sèriamente em empregar os meios adequados à consecução dos nossos destinos eternos e da salvação do nosso próximo.

A prudência cristã é a reguladora de tôdas as outras virtudes.

Dizia Santo Ambrósio que "a justiça não pode ser exercida sem a prudência, porque, para decidir o que é justo e o que não o é, de muita prudência se há mister".

O que disse o Santo sôbre o exercício da justiça, podemos estender a tôdas as virtudes.

Na verdade, a virtude é o justo meio entre dois extremos contrários. Sabe-se que, no exercício de qualquer virtude, se pode pecar contra por excesso ou por deficiência.

Ora, pertence à prudência prescrever às virtudes o modo mais conveniente de se manterem entre os limites moderados, que lhes conservam tôda a beleza, honestidade e valor, regulando-lhes as diversas circunstâncias de tempo, lugar e pessoas.

Por isso, obtemperava Santo Tomás: "a prudência é o complemento de tôdas as virtudes morais"; e, em outro lugar: "a prudência ajuda o exercício de tôdas as virtudes e age com elas".

Não era diverso o pensamento de Santo Ambrósio, quando observava: "o primeiro princípio do dever é a prudência, que se espraia como fonte fecunda sôbre tôdas as outras virtudes".

O santo compara, assim, a prudência a uma fonte límpida que, pela abundância de suas águas cristalinas, favorece ao desenvolvimento das plantas e à beleza das suas flores.

Pela pureza dos seus conselhos e pelo acêrto das suas determinações, a prudência dispensa às flores das virtudes, tudo o que possuem de beleza e valor moral.

S. Basílio expressa o mesmo sentir, na seguinte comparação: "não é sem razão que se compara um homem imprudente a um navio sem pilôto, à mercê de ventos impetuosos".

Aconselhava êle aos seus religiosos: "A prudência deve preceder tôdas as ações que tiverdes em mira: Porque, se se negligencia essa virtude, qualquer ação, seja de que espécie fôr, e embora aparentemente boa, degenera em vício, em razão de sua inoportunidade ou de falta de moderação".

E termina: "enquanto a razão e a prudência indicam o tempo conveniente e o modo de executar as boas ações, a aplicação prática dos seus conselhos produz frutos abundantes e admiráveis, tanto para aquêles que os dão, como para os que os recebem".

"A prudência e a discrição, observa Santo António, ocupam o primeiro lugar entre as virtudes. São os dois olhos do quais disse Jesus Cristo: vosso olho

é a luz do vosso corpo; se o vosso olho fôr simples, todo o corpo será luminoso, mas se fôr defeituoso, todo o vosso corpo estará em trevas”.

Não é para admirar, portanto, o elogio que o Espírito Santo faz dessa virtude, colocando-a ao lado da Sabedoria: “Feliz o homem que adquiriu a sabedoria e está enriquecido da prudência. Vale mais a sua aquisição do que a prata e os seus frutos são melhores do que o ouro mais fino e mais puro”.

Advertiu S. Paulo aos romanos que a prudência da carne é morte e a prudência do espírito é vida e paz.

* * *

Pouco há, vos falei da prudência meramente humana ou natural que, aliás, pode ser boa ou má, segundo a intenção que a anima.

Prescindindo mesmo do sobrenatural, o nosso interesse temporal também está a exigir prudência em todos os nossos atos.

Quantas lágrimas pouparíamos, quantos dissabores a menos!

Sêneca, um dos grandes e sábios filósofos da antiguidade pagã, usando apenas as luzes naturais da razão, afirmava que “a prudência por si só é suficiente para tornar a vida feliz”.

Referia-se, é claro, e não podia ser de outro modo, à felicidade da vida considerada sob o prisma humano, vivida apenas na ordem natural.

Na vida de um cristão, porém, tudo deve ser sobrenaturalizado. Um escoteiro católico nunca agirá como um pagão.

“Quer comais, quer bebais, quer façais outra coisa qualquer, tudo fazei para a glória de Deus.”

Podemos e devemos, com a graça de Deus e animados ou revestidos de pureza de intenção, sobrenaturalizar os atos mais insignificantes e ordinários de nossa vida.

* * *

O sacramento do batismo nos elevou a uma ordem sobrenatural. Não somos apenas criaturas de Deus, como o são os animais, a pedra, o Sol, a Lua e tudo o que existe ou vive.

Somos filhos de Deus. Considerai no grande amor que nos vota o Pai celeste, exclama S. João; somos chamados filhos de Deus e, na realidade, o somos. Não por natureza, é claro, mas por adoção e adoção muito mais excelente e fecunda em vantagens, do que aquela que as instituições jurídicas de todos os povos consagraram em suas leis.

Se a adoção humana se limita somente em reconhecer como próprio um filho alheio, dando-lhe direito aos bens extrínsecos do adotante, a adoção divina pela graça transforma intrinsecamente o adotado, faz do homem uma nova criatura, fá-lo participante da natureza divina, infunde-lhe o espírito de Deus, dá-lhe direito à sua própria bemaventurança.

Havemos, pois, de viver como filhos de Deus. Tôda a nossa vida se há de mover na esfera do sobrenatural, porque — S. Paulo nos dá a razão —

“os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus; vós, porém, não viveis segundo a carne, mas segundo o espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós”.

Aquêles que são filhos de Deus são conduzidos pelo Espírito de Deus, diz ainda o Apóstolo. Se somos filhos de Deus, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo.

Filhos do mesmo Pai celeste, por adoção, e co-herdeiros do seu Filho unigênito, cabe-nos velar por não perdermos o direito a tal herança, que outra coisa não é senão a participação da glória e da vida de Deus.

Somos, pois, de uma prosápia divina, porque, embora de modo místico e sobrenatural, participamos da natureza de Deus, que em nós habita pela graça.

Vivemos no mundo, mas não lhe pertencemos. Somos hóspedes e nêle peregrinamos como romeiros do céu, pois não temos aqui morada permanente.

Como a árvore que se vincula à terra pelas raízes, mas procura o espaço, abrindo no alto os seus ramos, assim vivemos nós no mundo, presos à Terra pelos cuidados temporais inevitáveis e necessários à conservação da vida, mas as nossas aspirações supremas não pairam sôbre as coisas caducas do mundo.

Tendem para o alto, para Deus, nosso primeiro princípio e nosso fim último. Dêle viemos e para êle peregrinamos.

Para o cristão, o mundo é lugar transitório, como os sítios em que acampam ou bivacam os escoteiros.

A nossa vida não passa, assim, de um acampamento de alguns anos, que bem transitórios são, comparados com a eternidade.

Há dois dias, estamos acampados neste sítio e amanhã tornaremos à sede da nossa tropa.

Aqui, nada construímos de definitivo, porque estamos de passagem. Mas daqui levamos um pouco mais de experiência, que, de futuro, nos facilitará a vida prática.

Com êsse pouco mais de experiência, voltamos sempre à sede, após os acampamentos, bivaques e excursões.

Também o cristão está nesse mundo, de passagem, como o escoteiro em sua barraca de acampar.

Nada constrói de duradouro e eterno para êsse acampamento da vida humana, que é transitória também.

Mas a virtude sobrenatural da prudência nos manda que, como cristãos e filhos de Deus, aproveitemos êsse tempo fugaz, preparando-nos um futuro feliz, para quando voltarmos definitivamente à nossa sede, que é o céu.

Amanhã, o corneteiro-mor da banda marcial dará o toque de reunir, que nos porá em forma, a fim de voltarmos à sede.

Um dia, no juízo final, os anjos de Deus farão soar as suas trombetas, dando o toque de reunir para tôda a humanidade.

Será a hora definitiva da partida... a hora de deixar o acampamento provisório em que estiver cada um e de voltar para a sede eterna do além.

E lá, os cristãos que tiverem sido leais aos seus deveres de estado, que tiverem tido a prudência de entesourar méritos para a eternidade, que tiverem cumprido a Promessa e a Lei — a promessa do batismo e a lei de Deus — serão recompensados com felicidade eterna.

Sim. Como os escoteiros têm a Promessa e a Lei, têm igualmente os cristãos a sua: a promessa do batismo, solenemente renovada no dia da primeira comunhão, e a lei, isto é, os mandamentos da lei de Deus e da Santa Igreja.

* * *

Cortemos aqui a digressão e voltemos às considerações precedentes.

Dizia eu: filhos por adoção de um mesmo Pai celestial e co-herdeiros do seu Filho unigênito, cabe-nos velar por não perdermos o direito a essa herança.

Perdê-la-íamos se não procurássemos sobrenaturalizar tôda a nossa vida, mesmo nos seus aspectos mais ordinários e indiferentes.

Na vida de um verdadeiro cristão, de um cristão integral, nada deve existir de indiferente, em relação aos seus destinos eternos, porquanto a reta intenção de sempre fazer a vontade de Deus e evitar quanto a esta se opõe, imprime em todos os seus atos o sinêto do sobrenatural.

Quando ligamos a chave da instalação elétrica de nossa casa, logo se iluminam as lâmpadas e com elas tôda a casa.

Enquanto a não desligarmos, interrompendo o contato, mesmo se tal acontecesse por esquecimento ou inadvertência, a casa continuará iluminada, contanto que o gerador, o dínamo, esteja fornecendo energia.

A reta intenção é essa chave espiritual que põe nossa alma em contato direto com Deus, poderoso dínamo de infinita potência que, ininterruptamente, fornece a energia sobrenatural da graça, a qual, por sua vez, clarifica e ilumina todos os nossos atos.

E não há mister que a cada ação façamos renovação explícita e formal dessa intenção, não retratada e não interrompida por um ato pecaminoso, porque só o pecado poderia desligar essa chave espiritual, cortando ou interrompendo a corrente sobrenatural da graça divina.

Importa, porém, cada dia renovar essa intenção. Ficamos assim mais alerta. E outro meio mais prático e mais excelente não conheço eu, do que aquêle oferecimento cotidiano, que o Apóstolado da Oração e a Cruzada Eucarística Infantil, à qual muitos de vós estão filiados, vos proporcionam cada manhã.

É tão simples e tão fácil fazê-lo! “Ofereço-vos, meu Deus, em união com o Santíssimo Coração de Jesus e por meio do coração imaculado de Maria, as orações, penas e boas obras dêste dia.”

Eis aí a preciosa chave que tôdas as manhãs poderá abrir as vossas almas para receberem a energia sobrenatural e mística da graça divina. E ela valorizará aos olhos de Deus tudo o que fizerdes durante o dia, na igreja, em casa, na escola, na sede, na rua, no acampamento ou no campo dos vossos jogos escoteiros.

Dêsse modo, até a prática da prudência simplesmente humana ou natural, da qual vos hei falado no comêço, se converterá em atos virtuosos, sobrenaturais e meritórios.

* * *

A primeira lei da prudência é não confiar cegamente no juízo próprio. Todos necessitamos de conselhos, e quem não os ouve raras vêzes acerta.

A presunção de nos bastarmos a nós mesmos nos torna naturalmente antipáticos e é fonte inexaurível de insucessos sem conta.

De quantos dissabores e danos físicos e morais seríamos poupados, nós e o nosso próximo, se nos habituássemos a ouvir conselhos de pessoas idôneas!

Há muita ciência e muita filosofia cristã nesse provérbio: quem não ouve conselhos raras vêzes acerta.

O Espírito Santo nos adverte: "Filho, não faças coisa alguma sem conselho e não te arrepen-derás".

Apesar de sua proverbial sapiência, observava Salomão que ninguém deve apoiar-se na prudência

própria, porquanto, diz êle, o sábio ouve os conselhos que lhe dão.

O velho Tobias, cuja história tão edificante nos foi conservada nas Letras Sagradas do Testamento Antigo, aconselhava insistentemente essa virtude ao seu filho de igual nome e judiciosamente o advertia: aconselha-te com homens sábios e prudentes.

S. Paulo, em outros têrmos e em várias circunstâncias, fazia a mesma observação aos primeiros cristãos.

Santo Ambrósio nos oferece a mesma lição, quando escreve: "antes de falar, o sábio considera, muitas vêzes, sôbre o que há de dizer, sôbre as pessoas a quem se há de dirigir, sôbre o tempo e o lugar em que há de falar".

Quando refletimos um pouco sôbre as reservas de egoísmo, de vaidade e de amor próprio que, apesar das nossas boas intenções, permanecem no fundo da nossa natureza, compreendemos, então, o porquê dessa insistência com que as Escrituras de ambos os Testamentos nos mandam, ouçamos os conselhos de pessoas sábias e prudentes.

S. Basílio considerava um tesouro o têrmos conselheiros ajuizados e prudentes, que nos orientem nos momentos oportunos.

Dizia êle: "certamente não é coisa de pouco valor o parecer de um conselheiro prudente e misericordioso que, por suas luzes e experiência, supra a prudência daqueles que o consultam sôbre qualquer assunto".

A negligência, o descaso e o desprezo por esse tesouro podem ser a fonte de graves prejuízos.

Exemplifiquemos com simples ocorrências de nossa vida escoteira que, por isso mesmo, nos são mais proveitosas, apesar de sua simplicidade.

Sei de um caso em que um escoteiro, por não haver dado ouvidos a um conselho, muito sofreu e esteve às portas da morte.

Acampavam algumas patrulhas, em certo lugar, durante a semana da Pátria. Fazia bom tempo quando chegamos ao campo e, durante todo o dia, permaneceu inalterável.

O Sol se acomodou plácida e no acolchoado meio sanguíneo do poente e o crepúsculo vespertino começou a envolver as nossas barracas, sem que houvesse qualquer indício de que o tempo havia de mudar.

Ao chegarmos ao sítio em que devíamos acampar, hasteada a Bandeira, leu o chefe o boletim do dia, determinando os lugares destinados às várias instalações das barracas, cozinha, etc. e escalou o pessoal.

Dois escoteiros instalaram a barraca sob a qual deveriam pernoitar. Os esteios estavam bem fincados, a lona bem esticada e os espeques bem enterrados em solo firme. Tudo em ordem.

Um deles, porém, observou ao companheiro que, embora bem armada a barraca, faltava-lhe o rêgo em redor, para canalizar as águas de alguma chuva inesperada, evitando assim que se introduzissem nela.

Ao que respondeu o outro era dispensável fazer o escoadouro, porque o tempo estava excelente e com certeza não choveria. Ficaria para o dia seguinte aquêlê trabalho.

Alta noite, desabou repentino e forte temporal. O escoteiro imprudente e negligente foi apanhado de surpresa pela enxurrada que descia com violência e, esperando fôsse mais rápido o aguaceiro, nem sequer agiu como o companheiro, que escapuliu para outra barraca.

E quando, pela manhã, o toque de alvorada despertou os seus companheiros, o imprevidente ficou a enfermar em sua barraca encharcada.

Apanhou dupla pneumonia que custou aos pais enormes despesas, ao seu organismo um verdadeiro martírio e aos seus companheiros demorado constrangimento.

Dificilmente escapou da morte e a convalescença lhe foi longa e penosa.

Tudo isso teria sido evitado, se tivesse ouvido o conselho tão oportuno do companheiro.

* * *

Entre as oito qualidades que Santo Tomás de Aquino julga necessárias ao homem prudente, está incluída a docilidade em seguir os conselhos das pessoas idôneas.

Moisés, o grande condutor do povo de Deus, seu guia e legislador, nos deixou excelente exemplo dessa docilidade.

Designado pelo próprio Deus, e em circunstâncias tão extraordinárias, para libertar os hebreus do jugo de Faraó e conduzi-los para a terra da promessa, era êle, sem dúvida, a suprema autoridade, o legislador e juiz de tôda aquela multidão que somava seiscentos mil e se movia pelos desertos da Arábia.

Pois bem, certa vez, lhe observou Jetro, seu sogro, que, sendo tantas as suas ocupações e preocupações, difficilmente lhe restaria tempo para a solução das numerosíssimas questões que, constantemente, surgiam em meio àquella gente.

Aconselhou-o a dividir o povo em tribos de mil pessoas e designar, para cada grupo, juizes especiais que lhes resolvessem os litígios, poupando prejuizos e pequenas dissensões.

Ora, Jetro era um homem ignorante, sem nenhuma credencial de autoridade sôbre os seus patrícios e, muito menos, sôbre Moisés.

Êste é que a recebera de Deus, que a confirmara tantas vêzes, e por milagres e prodígios estupendos.

Entretanto, ponderou e compreendeu a conveniência da sugestão e conselho de Jetro, e assim fêz.

Comentando o fato, S. Basílio dêle se utiliza para demonstrar a utilidade que dêsse conselho resultou e a lição deixada pelo profeta, cuja docilidade também S. João Crisóstomo admirou e louvou.

Eis a sua observação: "Apesar de possuir tôda a ciência dos egípcios e de ser amigo tão íntimo de

Deus, Moisés nos ensinou, de modo bem prático, como é vantajoso aceitar conselhos. . ."

E conclui assim: "Há grande orgulho em se julgar que se pode passar sem conselho e seguir exclusivamente as próprias luzes, como se se fôsse o único sábio e o único a escolher os melhores expedientes".

CONCLUSÃO

Aqui encerro, meus caros escoteiros, o primeiro volume dessa primeira série de considerações sobre as virtudes que o bom escoteiro deve praticar.

Outros volumes virão depois. O primeiro a seguir completará êsse que hoje deposito em vossas mãos. Continuará apreciando as virtudes do bom escoteiro.

Seguir-se-á outra série, em dois pequenos volumes, e tratará dos defeitos que deveis evitar.

Sêde bons. Sêde amáveis. Sêde caridosos. Sêde simples. Sêde prudentes. Eis o resumo destas páginas que fixam, embora ampliadas e mais desenvolvidos, os conselhos que vos dei, como assistente eclesiástico, em os nossos memoráveis "Fogo do Conselho".

A bondade, a amabilidade, a caridade, a simplicidade e a prudência são virtudes sociais, virtudes cristãs, necessárias a um caráter bem formado.

Aprendeí a praticar, nesse pequeno mundo que é a vossa tropa escoteira, essas virtudes sociais que tornarão a vida mais suportável e mais feliz para vós e para o vosso próximo.

Praticando-as, porém, com espírito sobrenatural, estareis trabalhando eficientemente pela consecução dos vossos destinos eternos.

APÊNDICE

PROMESSA ESCOTEIRA

Ao incorporar-se à grande família escoteira, no dia solene de sua investidura, o menino, de braços estendidos para a Bandeira Nacional, profere a seguinte **Promessa**.

“Prometo pela minha honra:

- a — Cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria.
- b — Ajudar o próximo em tôda e qualquer ocasião.
- c — Obedecer à Lei do Escoteiro.”

LEI DO ESCOTEIRO

- 1 — O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a própria vida.
- 2 — O Escoteiro é leal.
- 3 — O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- 4 — O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.
- 5 — O Escoteiro é cortês.
- 6 — O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- 7 — O Escoteiro é obediente e disciplinado.
- 8 — O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- 9 — O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- 10 — O Escoteiro é limpo de corpo e de alma.

BADEN POWELL (*)

Em 22 de fevereiro de 1857, nascia em Londres Robert Stephenson Smith Baden Powell.

Aos três anos perdeu o pai, ficando aos cuidados de sua mãe até à idade de oito anos, quando ingressou na escola primária.

Em 1869 era incluído no Colégio de Charterhouse, onde concluiu os estudos de humanidades.

Já então desenhava bem, tocava piano e violino e participava das atividades teatrais dos colegas, metendo-se a ator cômico.

Era inteligente e esperto, trabalhando muitas vezes de pedreiro, guiando barcos e seguindo pistas nas florestas.

Preteñendo matricular-se na Univerisdade de Oxford, não o conseguiu pela oposição de um professor.

Mas a abertura de um concurso para Aspirantes do Exército deu-lhe uma oportunidade e o jovem Baden Powell é classificado em 2.º lugar numa turma de 700 candidatos.

Estava aberto o caminho para a sua vida de aventuras e glórias.

(*) Do livro "Para ser Escoteiro", de F. Floriano de Paula.

No dia 6 de dezembro de 1878 desembarcava na Índia para servir no 13 Regimento de Hussardos, sediado na fronteira do Nepal.

Foi um largo período de aprendizado, de que resultaram utilíssimas experiências para o Escotismo.

Uma delas foi a prova de economia, onde o nosso Tenente bateu o recorde até então alcançado na guarnição.

Depois de alguns meses de férias na Europa, encontrava-se em 1880 novamente na Ásia, combatendo no Afeganistão. Em 1883 era Capitão.

As agitações da África do Sul determinaram a transferência do 13 R. H. para a terra dos Bechuanas e novo teatro de aventuras se descerrou para Baden Powell.

Serviços de explorações e vigilância lhe foram confiados. Nas horas de descanso identificava-se com a terra, empreendendo caçadas, excursões, reconhecimentos.

No ano de 1886 foi o 13 Regimento recolhido à Inglaterra. Baden Powell aproveitou a ocasião para visitar a Rússia, a Alemanha e a França.

No posto de Major, servindo no Estado-Maior, voltou à África em 1888, a fim de tomar parte na luta sustentada contra os zulus.

Durante um curto período de férias fez uma excursão pelo Mediterrâneo e Europa Central, voltando a seu Regimento, ora na Irlanda, no ano de 1893.

As tropas inglesas da Costa do Ouro, entrando em guerra contra os Achantis, necessitavam dos seus serviços. É novamente enviado à África, pacificando a região em 1896.

A promoção ao posto de Coronel dá-lhe o Comando do 5.º Regimento de Guardas, na Índia. Permanece na Ásia os anos de 1898 e 1899, quando é chamado à Inglaterra e mandado à África do Sul, onde os ingleses enfrentam os bôeres.

Mafeking! É o teatro da maior glória de Baden Powell. Com 800 homens consegue defender, durante sete meses, contra dez mil inimigos, uma cidade aberta.

É também a oportunidade dos meninos, demonstrando sua capacidade na execução de serviços de guerra.

Baden Powell recolhe a semente do Escotismo, que cultiva durante sete anos em experiências cada vez melhores.

Pacificada a África do Sul em 1902 é Baden Powell nomeado Inspetor da Cavalaria Britânica.

Foi nesse posto que visitou o Canadá, a Alemanha, a França, a Itália e novamente a África.

Em 1907 assentou as Bases do Escotismo. Daí em diante constitui sua preocupação principal.

Para dedicar-lhe todo o tempo, pede demissão do Exército em 1910, percorre o mundo, visita a Ásia e a América, incentiva o movimento, organiza associações.

Casou-se Baden Powell em 1912. Durante a Grande Guerra provou o valor da instituição que

criara. E em 1919 instalou o 1.º curso de chefes em Gillwell Park.

No ano seguinte reúne-se a primeira concentração mundial escoteira, resolvendo os chefes presentes conceder-lhe o título de "Chefe Escoteiro Mundial".

Não sendo de família nobre recebeu Baden Powell, por seus serviços à Nação, o título de "Sir"; e em 1929, na maioria do Escotismo, foi agraciado com o título de "Lord", por sua dedicação à causa da juventude.

Mais de 80 anos de constantes exemplos das virtudes escoteiras fizeram de Baden Powell "o Chefe". (*)

(*) Morreu em 1941, em Kenia, Africa.

DATAS HISTÓRICAS DO ESCOTISMO UNIVERSAL

Tendo em vista o grande interesse que desperta a divulgação de dados históricos do Escotismo e a fim de fornecer aos chefes escoteiros um importante subsídio para as suas instruções nas Associações onde devem ser sempre comemoradas, transcrevemos do "Sempre Alerta", boletim informativo da Federação Pernambucana de Escoteiros, algumas datas históricas do Escotismo universal até o presente ano.

1907 — Realizou-se o primeiro acampamento experimental escoteiro, na Ilha Brownsea, sul da Inglaterra, dirigido por Baden Powell.

1908 — Publicação do livro "Scouting for Boys" (Manual do Escoteiro), primeiro livro de Escotismo, de autoria de Baden Powell.

1909 — Surgem os Escoteiros do Mar.

1910 — São fundadas as Bandeirantes (Girls-Guidos), ramo feminino do Escotismo.

1915 — Inicia-se o ramo dos "Lobinhos".

1918 — Inicia-se o ramo dos "Pioneiros" (Rover-Scouts).

1919 — É instalada a primeira "Escola de Chefes Escoteiros", em Gilwell Park, que neste ano

foi cedido para a instalação de um Campo-Escotista, iniciando-se os Cursos Práticos, no campo, para Chefes Escoteiros e outros dirigentes, de que Gilwell Park passou a ser o modelo em todo o mundo.

1920 — Primeiro Jamboree Mundial Escoteiro, em Londres, sendo as demonstrações dos Escoteiros de todo o mundo, que compareceram a essa grande concentração, realizadas na arena do grande Circo Olímpia. É fundado o "The Boy Scouts International Bureau" (Bureau Internacional de Londres).

1921 — Baden Powell é distinguido com o título de Barão.

1922 — Conferência Mundial de Escotismo, em Paris.

1923 — É inaugurado o Chalet Escoteiro Internacional, em Kandersteg (Suíça).

1924 — Segundo Jamboree Mundial Escoteiro, em Copenhague (Dinamarca), no qual o Brasil foi representado por quatro chefes escoteiros.

1925 — São criados os Escoteiros de extensão, destinados aos meninos com defeitos físicos, doentes, insuficientes, etc.

1926 — Quarta Conferência Mundial de Escotismo, em Kandersteg (Suíça), na qual foi o Brasil representado por quatro chefes.

1929 — Jamboree Mundial Escoteiro, em Birkenhead (Inglaterra), comemorativo da Maioridade do Movimento Escoteiro, no qual o Brasil esteve representado por uma delegação de 63 escoteiros e

chefes. Baden Powell é agraciado com o título de Lord Baden Powell of Gilwell, pelos Reis da Inglaterra, em agradecimento a seus altos serviços escoteiros e à mocidade de todo o mundo.

1931 — Rover-Moot (Reunião Mundial de Pioneiros), em Kandersteg (Suíça).

1933 — Jamboree Mundial Escoteiro, em Golló, Hungria.

1935 — Rover-Moot (Reunião Mundial de Pioneiros), em Kandersteg (Suíça).

1937 — Jamboree Mundial Escoteiro, na Holanda, no qual o Brasil foi representado oficialmente por um chefe escoteiro.

1938 — Conferência Mundial de Lobinhos.

1939 — Rover-Moot (Reunião Mundial de Pioneiros), na Escócia.

1941 — Morre Baden Powell, em Kenia, África. Iniciam-se os Escoteiros do Ar.

1946 — Inicia-se o movimento dos Escoteiros Seniores. Primeira Conferência Interamericana de Escotismo, em Bogotá (Colômbia), sendo o Brasil representado pelo Delegado de Cuba.

1946 — Jamboree Mundial Escoteiro da Paz, em Misson, França.

à pátria, sentimento de honra, confiança em si mesmo, obediência, abnegação no serviço dos outros, com espírito de generosidade e cavalheirismo. O Escotismo impõe ordem e retidão à Vida humana. Amor à natureza, sim, mas libertando-a da fantasia e do sentimento malsão. O Escotismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar preponderante que lhe é devido na vida do homem, ao descobrir em cada objeto, em qualquer ordem, em qualquer virtude, em toda formosura criada, seu verdadeiro valor, seu real esplendor à luz do sol divino. Buscar, gostar, encontrar, glorificar a Deus em suas obras, ver toda a criação na luz que ilumina, eis o que constitui toda a vida de um escoteiro". — Por tudo isto, é *No Fogo do Conselho* um livro que, embora destinado aos escoteiros, deve ser dado a ler a todos os jovens, como um repositório de ensinamentos capazes de concorrer da maneira mais decisiva para uma boa formação moral.



Edições
O CRUZEIRO

DEUS ESTAVA CONOSCO

Um livro do Capelão Eben Cobb Brink

O Escritor Capelão Eben Cobb Brink aperfeiçoou os seus estudos religiosos no Hamilton College, Cliton, New York, e no Seminário Princeton. Anteriormente, o Capelão Brink fez missões em Hawley, Pensylvania, e Pitman, New Jersey. Como Capelão da Primeira Divisão das Forças de Reconhecimento, esteve na Irlanda e acompanhou as forças que lutaram na África e na Tunísia, onde teve oportunidade de presenciar cenas impressionantes. Por algum tempo, foi Cobb Brink capelão do 45.º Hospital, algumas vezes estacionado na África e posteriormente transferido para o "front" da Itália. O seu livro "Deus estava conosco" é a história dos soldados americanos que, em barcos salvavidas, viam somente em derredor o abismo das águas re-

vôltas, e daqueles que, convalescendo nos leitos dos hospitais, não podiam esquecer o panorama da batalha a que eles estiveram presentes. . . O Capelão Brink estava lado a lado com êsses homens, testemunhando todos os horrores da guerra, ao mesmo tempo que levava aos soldados a sua palavra de fé ardente, fazendo-os sentir que Deus estava com eles justamente quando eles mais necessitavam de Deus. . .

Em "Deus estava conosco" foram descritas com extraordinária beleza tôdas as emoções dos parentes e amigos que ficaram à espera dos combatentes. Trata-se de um dos mais honestos documentos sobre a Segunda Guerra Mundial, de uma obra que é a própria história da fé e da confiança do homem em Deus. Um livro excelente.

EDIÇÕES O CRUZEIRO — RUA DO LIVRAMENTO, 203 — RIO DE JANEIRO

Este livro: " No Fogo de Conselho" foi editado em 1954, pela Edições Cruzeiro.

Possui 168 folhas de papel branco, impresso em preto.

Tem capa colorida de cartolina (120gr).

Este livro foi cedido pelo Chefe Alexandre Banchi.

Obra digitalizada por:
Paulo Cabello do site:
www.lisbrasil.com